



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

STÊNIO BOUÇAS ALVES FILHO

POR MÃOS INÁBEIS:
CULTURA ESCRITA E TRADIÇÃO EPISTOLAR EM PERNAMBUCO
NOVECENTISTA

RECIFE

2024

STÊNIO BOUÇAS ALVES FILHO

POR MÃOS INÁBEIS:
CULTURA ESCRITA E TRADIÇÃO EPISTOLAR EM PERNAMBUCO
NOVECENTISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de pesquisa: Análises linguísticas, textuais, discursivas e enunciativas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Severina Gomes

RECIFE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Ana Catarina Macêdo – CRB-4 1781

A474m Alves Filho, Stênio Bouças.

Por mãos inábeis : cultura escrita e tradição
epistolar em Pernambuco noventa e quatro / Stênio
Bouças Alves Filho. - Recife, 2024.
92 f.

Orientador(a): Valéria Severina Gomes.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal
Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de
Educação a Distância e Tecnologia - UAEADTEC,
Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Linguagem, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências.

1. História social - Pernambuco. 2. Escrita. 3.
Redação de cartas. 4. Cartas de amor I. Gomes,
Valéria Severina, orient. II. Título

CDD 470

STÊNIO BOUÇAS ALVES FILHO

**POR MÃOS INÁBEIS:
CULTURA ESCRITA E TRADIÇÃO EPISTOLAR EM PERNAMBUCO
NOVECENTISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, à seguinte banca examinadora:

Orientadora: _____

Profa. Dra. Valéria Severina Gomes (UFRPE/PROGEL)

Examinadora interna: _____

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim (UFRPE/PROGEL)

Examinadora externa: _____

Profa. Dra. Huda da Silva Santiago (UEFS)

Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa CAPES.

*Se um dia você se lembrar, escreva uma carta pra mim
Bote logo no correio, com frases dizendo assim
Faz tempo que eu não te vejo
Quero matar meu desejo
Te mando um monte de beijo
Ai que saudade sem fim*

Vital Farias (1982)

À minha mãe, Juciara Maria.
Ao meu avô materno, José Nunes (*in memoriam*).
Ao meu companheiro de vida, Alex Sandro.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Juciara, e ao meu companheiro de vida, Alex, por estarem sempre presentes comigo, me apoiando e compartilhando esta e outras jornadas.

À Professora Valéria Gomes, a quem admiro por sua competência e sensibilidade. Agradeço pelos estímulos, pela paciência e por ter despertado em mim, desde a graduação, por meio dos Programas de Iniciação Científica, para o estudo científico e pelas veredas dos estudos Sócio-históricos.

Às professoras Huda Santiago e Marcela Paim, pela disponibilidade, pelos apontamentos e pela leitura atenta e cuidadosa desta dissertação.

Aos familiares de N e Z, por disponibilizarem o *corpus*.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL), pelo apoio institucional.

Aos colegas e amigos da UFRPE, que compartilharam comigo conhecimento, desafios e momentos inesquecíveis.

À Capes, pelo apoio financeiro.

Obrigado a cada um por todo o apoio, ensinamentos e momentos compartilhados, fazendo uma diferença importante nesta minha jornada acadêmica e pessoal. Sou imensamente grato.

Agradecer,
Ter o que agradecer.

Maria Bethânia (2016)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar e refletir sobre a prática de escrita ao tratar um *corpus* de sincronia passada formado por 50 cartas pessoais escritas por um casal de missivistas pernambucanos durante a primeira metade do século XX. Em especial, esta dissertação dedica-se: (i) à reconstrução do perfil sócio-cultural dos escreventes, dada a partir do cruzamento das memórias do casal, registradas por meio de uma entrevista gravada e de informações recolhidas nas próprias missivas; (ii) à tradição na escrita de cartas pessoais, ao observar a estrutura e a temática nas cartas escritas pelo jovem casal pernambucano; e (iii) à caracterização do grau de habilidade, ao investigar a produção escrita dos redatores pernambucanos. Sob o aparato teórico-metodológico da História Social da Cultura Escrita (Petrucchi, 1978, 2003; Martínez, 1988; Castillo Gómez e Sáez, 2016; Castilho Gómez, 2020), diante da caracterização das mãos dos redatores (Marquilhas, 2000; Santiago, 2012; 2019), e do Modelo de Tradição Discursiva (Koch, 1997; Kabatek, 2004, 2006; 2012; Longhin, 2014), os resultados alcançados apontam para um *corpus* representativo quanto a prática de escrita de cartas de amor, revelando que a temática amorosa assume nuances particulares e que contribui para a complexidade e profundidade das experiências afetivas entre N (a noiva) e Z (o noivo), além de observar que os elementos estruturais perpassam o tempo mediante a sua função sociocomunicativa. De modo que, apesar de ambos os missivistas apresentarem dimensões de inabilidade com a escrita, as mãos também revelam a capacidade de escrever cartas amorosas, sendo entendida como uma tradição cultural, demonstrando que a prática de escrita de cartas não é apenas individual, mas uma herança cultural construída historicamente para atender a demandas sociais relacionadas à comunicação amorosa por meio da correspondência escrita. Portanto, a investigação realizada contribui para as discussões que se detém tanto ao campo da História Social da Cultura Escrita quanto ao Modelo de Tradição Discursiva ao apresentar dados significativos de escreventes pernambucanos inábeis com a produção de escrita de cartas amorosas na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: história social da cultura escrita; tradição discursiva; historicidade; carta pessoal; inabilidade.

ABSTRACT

This paper aims to investigate and reflect on the practice of writing by examining a corpus of past synchronicity consisting of 50 letters written by a couple from Pernambuco during the first half of the 20th century. Specifically, this dissertation focuses on: (i) reconstructing the socio-cultural writer's profile, based on a combination of their memories, recorded in an interview, and information gathered from the letters themselves; (ii) the tradition of personal letter writing, by observing the structure and themes in the letters written by them; and (iii) characterizing the level of skill by investigating the writing production of the Pernambuco correspondents. Under the theoretical-methodological framework of the Social History of Written Culture (Petrucchi, 1978, 2003; Martínez, 1988; Castillo Gómez and Sáez, 2016; Castilho Gómez, 2020), with respect to the characterization of the writers' handwriting (Marquilhas, 2000; Santiago, 2012; 2019), and the Discourse Tradition Model (Koch, 1997; Kabatek, 2004, 2006; 2012; Longhin, 2014), the results indicate that the corpus is representative of the practice of writing love letters. It reveals that the theme of love takes on nuances and contributes to the complexity and depth of the emotional experiences between N (the bride) and Z (the groom), while also showing that structural elements transcend time through their socio-communicative function. Although both correspondents exhibit dimensions of inadequacy with writing, their letters also reveal the ability to compose love letters, understood as a cultural tradition. This demonstrates that the practice of letter writing is not merely individual but a historically constructed cultural heritage that meets social demands related to romantic communication through written correspondence. Therefore, the research contributes to discussions in both the field of Social History of Written Culture and the Discourse Tradition Model by presenting significant data on Pernambuco writers who were unskilled in producing love letters in the first half of the 20th century.

Keywords: social history of written culture; discursive tradition; historicity; personal letter; inability.

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1: Filtro de tradição.....	25
Esquema 2: Evocação e repetição.....	26
Esquema 3: Continuidade histórica do gênero.....	26
Esquema 4: Constelação da Carta.....	46
Esquema 5: Valores paramétricos comunicativos da carta pessoal.....	59

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Frente do fac-símile.....	37
Imagem 2: Edição filológica ou semidiplomática.....	38
Imagem 3: A dimensão da pontuação na carta de N (a noiva).....	76
Imagem 4: A dimensão da pontuação na carta de Z (o noivo).....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estudos em Linguística Histórica e Diacrônica.....	23
Quadro 2: Constituição do <i>corpus</i>	35
Quadro 3: Distribuição e detalhamento do <i>corpus</i>	35-36
Quadro 4: Elementos constitutivos da organização da carta.....	48-49
Quadro 5: Elementos constitutivos da organização da carta de Arthur Orlando.....	50
Quadro 6: Representação exagerada da nasalidade nas cartas de N (a noiva).....	72
Quadro 7: Representação exagerada da nasalidade nas cartas de Z (o noivo).....	73-74
Quadro 8: Ausência da representação da nasalidade nas cartas de N (a noiva).....	74
Quadro 9: Ausência da representação da nasalidade nas cartas de Z (o noivo).....	75
Quadro 10: A habilidade motora nas cartas de N (a noiva).....	79
Quadro 11: A habilidade motora nas cartas de Z (o noivo).....	80
Quadro 12: Rasura nas cartas de N (a noiva).....	81
Quadro 13: Rasura nas cartas de Z (o noivo).....	82
Quadro 14: Processo de segmentação nas cartas de N (a noiva).....	83
Quadro 15: Processo de segmentação nas cartas de Z (o noivo).....	84

LISTA DE CONVENÇÕES, SIGLAS E ABREVIATURAS

LEDOC	Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco
LH	Linguística Histórica
PB	Português Brasileiro/Português do Brasil
PHPB	Projeto Para História do Português Brasileiro
PROHPOR	Programa Para a História da Língua Portuguesa
HCE	História da Cultura Escrita
HSCE	História Social da Cultura Escrita
TD	Tradição Discursiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
SEÇÃO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	22
1.1 Sob a óptica da Linguística Histórica	22
1.2 História Social da Cultura Escrita	27
1.3 Procedimentos de análise	32
1.3.1 O <i>Corpus</i>	34
1.3.2 Normas de transcrição	36
1.3.3 O perfil dos missivistas.....	40
SEÇÃO 2 - CARTA PESSOAL: PRÁTICA DE INTERAÇÃO A DISTÂNCIA	43
2.1 Teoria epistolar e a construção da tradição carta pessoal.....	43
2.2 Os subgêneros da carta pessoal	46
2.3 Traços de proximidade e distância comunicativa.....	55
SEÇÃO 3 - POR UMA HISTORICIDADE DAS CARTAS DE N E Z	60
3.1 A dimensão da macroestrutura.....	60
3.1.1 Abertura	61
3.1.2 Núcleo do texto.....	62
3.1.3 Fechamento.....	64
3.2 A dimensão temática e a tradição do discurso amoroso.....	65
3.2.1 Desejo	66
3.2.2 Fraqueza.....	67
3.2.3 Sofrimento e Tristeza.....	68
3.2.4 Saudade.....	68
3.2.5 Cuidado.....	69
3.2.6 Dedicção	69
SEÇÃO 4 - A CARACTERIZAÇÃO DAS MÃOS DOS REDATORES.....	71
4.1 Aspectos de escriptualidade	71
4.2 Pontuação	75
4.3 Habilidade motora	78
4.4 Segmentação gráfica	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS.....	88

INTRODUÇÃO

[...] a historicidade do homem coincide com a historicidade da linguagem [...]

Coseriu (1979, p. 64)

Durante o seu vasto percurso, o homem estabeleceu diferentes formas de se expressar; o nascimento da escrita é uma dessas formas de expressão, mas, antes mesmo do surgimento da escrita, a história da humanidade foi precedida por uma sucessão de manifestações correspondentes às necessidades do homem primitivo, possibilitando a construção e o desenvolvimento de “engenhosos arranjos de objetos simbólicos ou sinais materiais, nós, entalhes e desenhos” (Higounet, 2003, p. 9) como forma de criar vestígios para a posteridade, de fixação da linguagem e de apreensão do mundo. Para Coseriu (1982, p. 30), “o homem vive num mundo lingüístico que ele mesmo cria como ser histórico”, ou seja, como uma manifestação para o despertar da consciência do ser no mundo, com as coisas e com os outros.

Segundo Fischer (2009, p. 15), “a humanidade usou uma riqueza de símbolos gráficos e mnemônicos (ferramentas de memória) de vários tipos para acumular informações”. Com a Revolução Agrícola¹, com os avanços dos coletivos humanos e subsequente a uma determinada limitação mental (Harari, 2020), o homem sentiu a necessidade de registrar suas atividades, de armazenar e de processar grandes quantidades de dados matemáticos, tendo em vista que, com o passar dos anos, dentro de uma linha evolutiva, o homem começou a cultivar o seu alimento, a criar animais, a organizar cidades e a construir impérios.

Dessa forma, a escrita surge para fins administrativos, a partir de um mecanismo de armazenamento de informações regido por símbolos. Segundo Harari (2020), o sistema de escrita desenvolvidos pelos sumérios conciliavam duas categorias de símbolos: a primeira representava números; enquanto a segunda representava ações (atividades humanas diversas,

¹ A Revolução Agrícola se refere ao momento em que os sapiens começaram a se dedicar ao processo de cultivo de plantas e a criação de animais. Segundo Harari (2020, p. 91), “do amanhecer ao entardecer, os humanos espalhavam sementes, aguavam plantas, arrancavam ervas daninhas do solo e conduziam ovelhas a pastos escolhidos. Esse trabalho, pensavam, forneceria mais frutas, grãos e carne. Foi uma revolução na maneira como os humanos viviam - Revolução Agrícola.”

como: andar, correr, comer e outros) e coisas (símbolos relacionados a animais, mercadorias, elementos da natureza, pessoas e outros).

Portanto, “os primeiros textos da história não contêm reflexões filosóficas, poesias, lendas, leis ou triunfos reais. São documentos econômicos monótonos, registrando o pagamento de impostos, a acumulação de dívidas e títulos de propriedades”, como ressalta Harari (2020, p. 138), mas, com o decorrer do tempo, por volta de 3700 a.C., segundo Fischer (2009, p. 33), “a arte gráfica começou a falar”. Após um extenso processo de evolução da escrita, gradualmente, conduzida por uma abordagem fonética, a necessidade de registrar informações para além de dados matemáticos levou a sociedade mesopotâmica ao acréscimo de mais símbolos, surgindo um sistema de escrita completo: a escrita cuneiforme. Próximo a esse período, “os egípcios desenvolveram um sistema completo chamado escrita hieroglífica. Outros sistemas de escrita completos foram desenvolvidos na China por volta de 1200 a.C. e na América Central por volta de 1000-500 a.C.” (Harari, 2020, p. 142).

Já entre os fenícios, a abordagem fonética foi difundida com a criação de um sistema gráfico: o alfabeto consonantal fenício, que consistia em signos e baseava-se na decomposição dos sons das palavras. Posteriormente, ao ser adotado pelos gregos, o alfabeto foi aprimorado e expandido. Com isso, a partir do alfabeto grego, surgiram outros, bem como o alfabeto latino, que se estabeleceu por intermédio da expansão do Império Romano e do Cristianismo.

No primeiro momento, a necessidade de registrar acontecimentos e a demanda administrativa impulsionaram o processo de evolução da escrita. Para Higounet (2003, p. 10), a escrita “é o fato social que está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano”. Para Fisher (2009, p. 10):

[t]odos os sistemas de escrita parecem descender de protótipos ou sistemas precedentes, cuja ideia de representar graficamente a fala humana, o esquema para conseguir isso, e/ou os sinais gráficos usados nesse processo foram emprestados e adaptados ou convertidos para se adequarem à língua e necessidades sociais de outro povo.

Diante desse breve percurso, é possível identificarmos que a escrita nasce para atender a uma demanda primeira: a da esfera pública, a partir do processo de urbanização, por consequência, atrelada a um novo modelo de organização social (Coulmas, 2014). Para além disso, já na Idade Moderna, a circulação da palavra escrita começa a alastrar-se por todas as camadas da sociedade, não só no meio público, mas também no foro íntimo, como prática social de interação e sobre a escrita de si (escrita autorreferencial ou escrita confessional), com

cartas pessoais, livros de memórias, diários íntimos e de viagens, entre outros gêneros. De modo que, como colocado por Petrucci (1978; 2003), Castillo Gómez e Sáez (2016) e Castilho Gómez (2020), pensar em uma história social da cultura escrita é pensar nos processos de produção, de transmissão, de difusão, de acesso e de relações de poder sobre a prática de escrita e de leitura.

Com o passar dos séculos, já na contemporaneidade, a indagação que fazemos é: quem faz parte dessa cultura do escrito? Cultura essa entendida como cultura escrita centralizada, pois, mesmo inseridos em uma sociedade contemporânea, de base grafocêntrica, ou seja, em que o escrito assume uma parcela importante diante da participação plena em nossa sociedade, é válido pensarmos que o processo de aquisição e difusão se dá através de processos hierárquicos, por tanto, não igualitários.

As pesquisas de Marquilhas (2000) e de Santiago (2012; 2019) são a base para as reflexões e análises realizadas nesta dissertação ao investigar o grau de habilidade dos escreventes. Entretanto, este estudo se distancia dessas pesquisas ao abordar também a historicidade do texto a partir do Modelo de Tradição Discursiva (TD), ao observar se as mãos com poucas habilidades acompanham a tradição da escrita epistolar.

Com a realização desta dissertação, seguimos a metodologia empregada por Marquilhas (2000), a partir do estudo realizado por Petrucci (1978), adotando duas dimensões de análise sobre o escrito: a dimensão externa e a dimensão interna. Discutimos o espaço do escrito em suas diferentes faces, mas com o enfoque, em especial, sobre a tradição epistolar e a prática de escrita de cartas (dimensão externa); em consonância com a habilidade dos escreventes com o mundo do escrito e a construção do perfil dos escreventes (dimensão interna), identificando quem estava – ou não – imerso na prática de escrita e revelando o *locus* social em que os escritos ocupam dentro de um contexto específico de produção.

O caso aqui analisado trata-se da representação da escrita de um casal pernambucano por meio de cartas pessoais trocadas entre escreventes comuns da sociedade novecentista, recuperando a prática e o acesso da escrita em fases pretéritas. É com foco nessa relação entre escrita, texto, cultura e sociedade a que se volta este trabalho, partindo de uma perspectiva sócio-histórica ao refletir sobre os usos e a socialização da escrita por meio de textos redigidos por personalidades não ilustres no século XX, ou seja, por uma vertente mais estigmatizada.

Tratada como uma rica fonte documental para os estudos sócio-históricos, a carta pessoal é base para diversas pesquisas. As cartas escritas ou remetidas por personalidades ilustres e não ilustres foram temas de diversos estudos: cartas da família Ottoni (Lopes, 2005); cartas enviadas a Rui Barbosa (Callou; Barbosa, 2011); cartas de Câmara Cascudo a Mário de Andrade (Martins; Tavares, 2012); cartas de sertanejos baianos (Santiago, 2019), entre outros; além de projetos como o *Programa para a História da Língua Portuguesa* (PROHPOR) e o *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), que fomentam pesquisas com cartas pessoais na busca pela sócio-história do português brasileiro (PB)², visando reconstruir a formação de uma identidade linguística em diferentes tempos e espaços.

Pesquisas realizadas por Costa (2012), Silva (2018), Gomes (2019) e Gomes e Ataíde (no prelo) evidenciam que as cartas pessoais herdam, em função da sua finalidade sociocomunicativa, elementos tradicionais da retórica clássica, podendo ser caracterizadas por meio de suas temáticas (carta de amor, carta de amigo e carta de família). Com isso, este estudo possibilita identificar os elementos que constituem tanto a macroestrutura das cartas, quanto caracterizar a temática abordada nos manuscritos pernambucanos.

Já os estudos de Marquilhas (2000) e Santiago (2012; 2019) apontam para a importância dos estudos relacionados à área da História Social da Cultura Escrita (Petrucchi, 1978, 2003; Martínez, 1988; Castillo Gómez e Sáez, 2016; Castilho Gómez, 2020) com fortes contribuições para o campo da Linguística, seja para a construção de *corpora* sócio-histórico; para o desbravamento do português em sua vertente mais ou menos estigmatizada; ou ainda para uma investigação sobre as práticas de escrita e de leitura.

A questão norteadora deste estudo é: quais são os elementos externos e internos que constituem as cartas de amor do casal pernambucano na primeira metade do século XX? Para tanto, com a realização desta dissertação, o objetivo geral é investigar e refletir sobre a prática de escrita ao tratar um *corpus* de sincronia passada formado por 50 cartas pessoais escritas por um casal de missivistas pernambucanos durante a primeira metade do século XX. De modo que, os objetivos específicos são:

- i. Reconstruir o perfil sociocultural dos escreventes, a partir do cruzamento das memórias do casal pernambucano, registradas por meio de uma entrevista gravada, e de informações recolhidas nas próprias missivas.

² Além das cartas pessoais, o PROHPOR e o PHPB trabalham com *corpora* diversificados.

- ii. Identificar a composição estrutural e temática das cartas pessoais, observando os traços de tradição e de mudança.
- iii. Caracterizar o grau de habilidade da escrita dos redatores, considerando os seguintes planos: da escriptualidade, da pontuação, da habilidade motora e da segmentação gráfica.

As hipóteses que norteiam esta pesquisa são: (i) de que as cartas pessoais escritas por mãos com pouca habilidade, como as de N (a noiva) e Z (o noivo), carregam traços estruturais da retórica clássica, de modo que a estrutura tradicional das cartas – ou parte delas – não são afetadas pela inabilidade dos noivos; (ii) de que as cartas revelam uma temática característica da carta de amor, devido ao contexto comunicativo e o que se espera por temas abordados entre um casal de noivos; e (iii) de que as cartas preservam uma escrita de caráter inábil, devido ao pouco contato com a escrita e ao estrito acesso ao processo de alfabetização/escolarização em que os missivistas estavam inseridos durante a primeira metade do século XX.

Dentre os fatores que justificam a realização deste estudo, podemos citar: (i) esta pesquisa levanta uma reflexão sócio-histórica da linguagem, (ii) além da compreensão e a descrição sobre determinados fenômenos tradicionais e inovadores do texto em fases pretéritas e (iii) a reflexão sobre o papel social da escrita no período e no espaço em questão.

Para tanto, esta dissertação é iniciada por esta *Introdução*, em que discutimos os objetivos (geral e específicos), as justificativas, além de lançarmos as hipóteses que norteiam o nosso estudo, seguido por 4 (quatro) seções.

Na primeira seção, *Pressupostos teórico-metodológicos*, nos dedicamos à apresentação da fundamentação teórica e da metodologia aplicada para a realização desta dissertação. No primeiro momento, recorremos ao campo da Linguística Histórica, com o Modelo de Tradição Discursiva (Koch, 1997; Kabatek, 2004, 2006; 2012; Longhin, 2014), que lança um olhar sobre uma perspectiva histórica dos textos. Em seguida, com o aparato da História Social da Cultura Escrita (Petrucchi, 1978, 2003; Martínez, 1988; Castillo Gómez e Sáez, 2016; Castilho Gómez, 2020), nos debruçando sobre os aspectos de inabilidade na escrita das cartas do casal N e Z, a partir dos estudos realizados por Marquilhas (2000) e Santiago (2012; 2019). Em *Procedimentos de análise*, último tópico desta seção, elencamos os passos dados em relação à metodologia aplicada diante do aparato teórico exposto, abordando ainda a organização, a

composição e o processo de edição do *corpus*, bem como a construção do perfil dos interlocutores N e Z.

Na segunda seção, *Carta pessoal: prática social de interação a distância*, discutimos sobre a formação da teoria epistolar, tomando por base a origem e a caracterização do gênero-mãe carta pessoal, a partir de Costa (2012), Ramos (2017) e Kewitz e Simões (2019), com a identificação dos elementos tradicionais nas missivas herdadas das *ars dictandi*, a arte de escrever documentos e cartas, passando pelas cartas escritas por Cícero, pelos manuais medievais até a contemporaneidade. Outro ponto discutido é a relação entre proximidade e distância comunicativa apresentada nas cartas pessoais, além dos modos de escrever cartas, tratando dos diferentes subgêneros: carta de amor, carta de família e carta de amigo.

Na terceira seção, *Por uma historicidade das cartas de N e Z*, tomamos por base os estudos de Silva (2018), Gomes (2019) e Gomes e Ataíde (no prelo), que investigam os diferentes subgêneros da carta pessoal. Nesta seção, a partir das cartas trocadas por N e Z, analisamos os aspectos composicionais dos manuscritos com foco nos elementos que constituem a abertura, o núcleo e o fechamento das cartas, além das temáticas abordadas nas missivas com o objetivo de caracterizar o subgênero a que pertencem as cartas.

Na quarta seção, *A caracterização das mãos dos redatores*, seguimos a proposta de caracterização de inabilidade realizada por Santiago (2019), com base também nas pesquisas de Marquilhas (2000) e Santiago (2012), frisando nos aspectos de escriptualidade, pontuação, habilidade motora e segmentação gráfica para apontar o grau de habilidade dos escribas pernambucanos por meio da escrita epistolar.

Por fim, nas *Considerações finais*, elencamos e discorremos sobre os resultados alcançados com a realização desta dissertação. É nesse horizonte que apresentamos aos nossos leitores a realização desta dissertação e que, conseqüentemente, esperamos contribuir com a difusão dos estudos sócio-históricos, principalmente no que concerne a área da História Social da Cultura Escrita (HSCE) em consonância com o Modelo de Tradição Discursiva (TD).

SEÇÃO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Cartas já não adiantam mais
Quero ouvir a sua voz
Vou telefonar dizendo
Que eu estou quase morrendo
De saudades de você

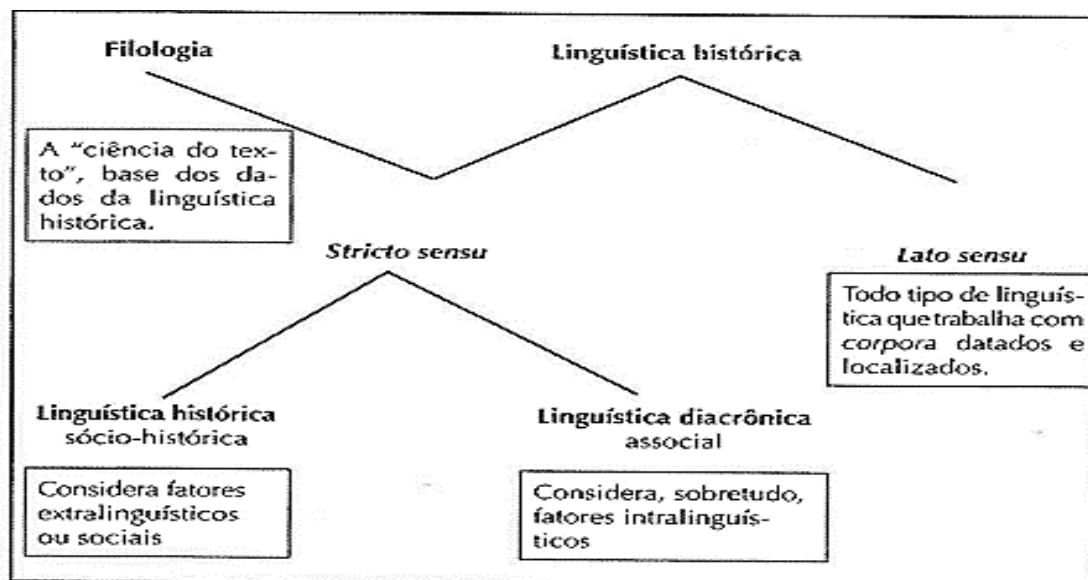
Roberto Carlos (1968)

A busca pela historicidade das cartas pernambucanas exige um entrelace entre perspectivas. Considerando esse entrelace, esta seção tem como foco apontar as linhas teórico-metodológicas que embasam o desenvolvimento deste estudo. No item *1.1 Sob a óptica da Linguística Histórica*, a partir do Modelo de Tradição Discursiva, propomos a elaboração de uma base teórico-metodológica para discutirmos a tradicionalidade dos elementos textuais e temático das cartas produzidas sob a mão do jovem casal N e Z. Em *1.2 História Social da Cultura Escrita*, buscamos base para caracterizarmos o grau de habilidade dos escribas pernambucanos. Enquanto em *1.3 Procedimentos de Análise*, indicamos a metodologia aplicada para a realização desta dissertação, indicando a composição, organização e o processo de edição do *corpus*, bem como a construção do perfil dos interlocutores N e Z.

1.1 Sob a óptica da Linguística Histórica

A Linguística Histórica (LH) é um campo que observa a mudança linguística em uma perspectiva histórico-diacrônica. O quadro 1, proposto por Mattos e Silva (2008), revela a ampliação do campo de atuação da LH. Dentro das possibilidades de discussão que cabe a esta dissertação, ressaltamos as duas vertentes destacadas por Mattos e Silva (2008): a *lato sensu* e a *stricto sensu*. Ambas as vertentes apresentam uma nova abordagem da LH e apontam para um “novo e renovado fluxo” da área (Mattos e Silva, 1999, sp.).

Quadro 1: Estudos em Linguística Histórica e Diacrônica



Fonte: Mattos e Silva (2008, p. 10)

Sobre a vertente *lato sensu*, a autora afirma que a Linguística Histórica trata de análises comuns em pesquisas linguísticas que dependem de *corpora* que são datados e situados, como pesquisas dialetológicas, sociolinguísticas e etnolinguísticas, utilizando programas computacionais para análise de variáveis linguísticas ou de base qualitativa. Os estudos também se estendem a teorias do texto, do discurso e da conversação, todos baseados em *corpora* datados e localizados (Mattos e Silva, 2008).

Sobre a vertente *stricto sensu*, Mattos e Silva (2008) defende que essa perspectiva investiga as mudanças linguísticas ao longo do tempo. Tradicionalmente, para a autora, a LH no sentido estrito aborda dois vieses: a) a sócio-histórica, que considera fatores sociais e extralinguísticos, e b) a diacrônica associal, que foca em fatores intralinguísticos, como o estruturalismo diacrônico e o gerativismo diacrônico; estando a abordagem *stricto sensu* intimamente ligada à filologia, pois faz uso de manuscritos e de textos antigos como *corpora* para a análise das mudanças linguísticas de longa duração.

Acreditamos que a inclusão do modelo de Tradição Discursiva (TD) no campo da Linguística Histórica, seguindo a vertente da LH sócio-histórica (Mattos e Silva, 2008), lança um novo olhar sobre o campo de pesquisas histórico-diacrônicas com a finalidade de discutir os aspectos inovadores e tradicionais do texto, como postula Kabatek (2008, p. 14, tradução nossa) ao defender a “necessidade e utilidade da inclusão do conceito de Tradições Discursivas na linguística histórica”, visto que a história das línguas dar-se por textos e por tradições

textuais. Para Barros (2018, p. 125) a “corrente de linguística histórica que integra o conceito de tradições discursivas estuda a atividade linguística de diferentes sujeitos e seus resultados nos textos que são produzidos”. Sendo assim, corroboramos com a ideia de que o modelo de TD está no âmbito dos estudos de Linguística Histórica Sócio-histórica, contemplando não apenas a historicidade da língua, mas também a da tradição textual.

A Tradição Discursiva começa a tomar forma a partir da teoria da linguagem proposta por Eugenio Coseriu, sobretudo, a partir dos três níveis da atividade humana (Coseriu, 1980):

- (i) o nível universal, que tem o falar como uma atividade biologicamente atribuída a todos seres humanos;
- (ii) o nível histórico, que abarca as línguas, isto é, sistema historicamente estabelecido: o português, o espanhol, o italiano *etc.*;
- (iii) o nível individual, que corresponde ao texto ou discurso particular materializado mediante a uma situação comunicativa concreta.

Coseriu (1980, p. 91) tem em vista a linguagem como “uma atividade humana *universal* que se realiza *individualmente*, mas sempre segundo técnicas *historicamente* determinadas”. De modo que, a linguagem é uma forma de expressão individual, carregada de significados e advindos de modelos historicamente determinados. Sendo assim, para Coseriu (1979, p. 64), no ato de falar

[o] falante não emprega outra técnica, mas utiliza o sistema que se lhe oferece pela comunidade e, mais ainda, aceita também a realização que a norma tradicional lhe proporciona, porque esta é a sua tradição. Não inventa totalmente a sua expressão mas utiliza modelos anteriores, justamente por ser este indivíduo histórico e não aquele: porque a língua pertence à sua historicidade, ao seu modo determinado de ser.

Apoiado no que foi postulado por Coseriu (1979; 1980), e apontado por Gomes (2007, p. 46) como sendo “uma das concepções embrionárias do que hoje denominamos e discutimos acerca das tradições discursivas”, Schlieben-Lange (1993, p. 19) afirma que:

a universalidade é preservada também no nível da língua e do texto. Sabe-se como uma língua deve ser para poder funcionar como tal. Sabe-se como os textos são constituídos. Também no nível do texto, a historicidade se faz presente na forma de tradições textuais historicamente transmitidas.

Há com isso uma proposta de duplicação formulada por Koch (1997) em que o nível histórico se bifurca em: *língua histórica*, com o seu sistema (gramática e léxico), e a *tradição*

discursiva, com os gêneros e fórmulas textuais recorrentes. Ainda no campo da historicidade, pois é nele que está sustentado o conceito de TD, Oesterreicher (2002, p. 259 *apud* Gomes, 2005, p. 87) destaca que:

as tradições discursivas funcionam em virtude de situações comunicativas determinadas historicamente. Todo discurso individual guiado por determinados modelos discursivos – os gêneros ou as tradições – se constitui no marco de uma série de constelações comunicativas que controlam os traços específicos de cada discurso e as possíveis modalidades de sua produção e recepção.

Kabatek (2006) ilustra essa bifurcação com o *filtro de tradição* (esquema 1) em que elucida que o ato concreto do falar passa pela *língua histórica* e pela *tradição discursiva*. Logo, para que o sujeito construa o enunciado, ele usa o acervo gramatical e lexical de uma língua ao mesmo tempo que recorre ao arcabouço de diferentes textos tradicionais e, conseqüentemente, já ditos, guardados em uma memória cultural de acordo com cada contexto e com a atribuição de sentido adequada a cada situação comunicativa.

Esquema 1: Filtro de tradição



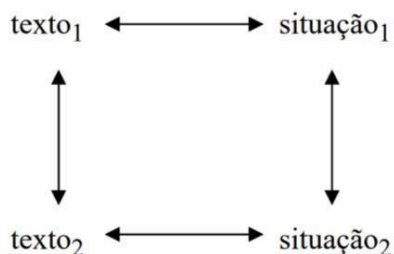
Fonte: Kabatek (2006, p. 508)

Portanto, na concepção da Tradição Discursiva, “falar não é só gerar enunciados segundo as regras de uma gramática particular e segundo um léxico disposto por uma língua determinada, é também tradição, no sentido de repetição do já dito” (Kabatek, 2012, p. 581). De modo que, seguindo os escritos de Kabatek (2007, p. 335, tradução nossa), a TD é “uma repetição de diálogos anteriores e é pronunciada não só pela sua relevância pragmática, mas também como resultado de diálogos anteriores.”. Ou seja, é a repetição de textos mediante a uma mesma situação ou circunstância comunicativa.

Kabatek (2006) propõe três condições definidoras do que seja uma TD: (i) toda repetição deve ser linguística; (ii) tem que haver uma série de combinações linguísticas relevantes ao texto com valor de signo; e, por fim, para que realmente seja conceituado como uma TD, (iii) se faz necessário uma evocação. Para tanto, deve haver uma situação

comunicativa, pois é uma situação que evoca uma determinada tradição, como demonstrado no esquema 2, em que o “eixo horizontal representa a evocação e o eixo vertical a repetição” (Kabatek, 2006, p. 7):

Esquema 2: Evocação e repetição



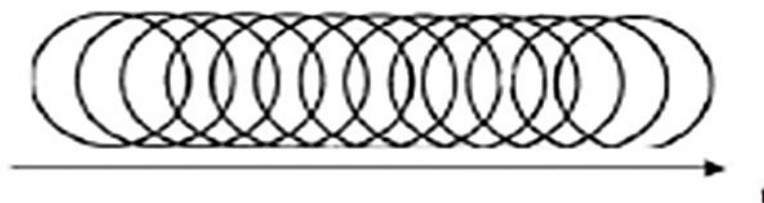
Fonte: Kabatek (2006, p. 7)

Kabatek (2007, p. 338) ainda reitera que a TD é:

toda la gama posible de elementos tradicionales que encontramos en un texto, no sólo su “género” en sentido amplio, sino también la tradición por debajo del género (de subgéneros, de fórmulas etc.), las tradiciones de decir diferenciabiles del mismo género (p. ej. de usos atribuibles a grupos particulares), incluidas las tradiciones del no-decir y de la posible funcionalidad del silencio.

Ao passo em que há elementos de repetição, que se tornam tradicionais “passando por uma organização formal contínua até chegar a uma completa fixidez do texto” (Kabatek, 2004, p. 163), há traços de inovação, como ilustrado no esquema de anéis (esquema 3), retratando o processo de instabilidade ou de atualização dos textos, em que ao longo do tempo o texto perde algumas de suas marcas, mas também permanece com outras e ainda incorpora novas marcas. Dessa forma, é possível observar que os textos são mutáveis e sujeitos a mudanças, mas que também permanecem com marcas que o caracterizam diante de uma tradição cultural.

Esquema 3: Continuidade histórica do gênero



Fonte: Givón (1986, p. 78 *apud* Koch, 1997, p. 9)

Assim como observado por Gomes (2005, p. 83):

todas as modificações e permanências observadas nos textos ao longo do tempo são frutos das ações sociais, das necessidades sociais e do curso natural da história. Em vista disso, o texto não pode ser concebido exclusivamente como uma unidade formal. Muito pelo contrário, o texto deve ser entendido como uma ação comunicativa, um sistema de múltiplas relações, sejam elas formais, linguísticas, de conteúdo temático, discursivas, e isso o torna instável e mutável.

Pesquisas realizadas principalmente por Koch (1997) e Kabatek (2004; 2006; 2012) revelam que o Modelo de Tradição Discursiva se caracteriza pela historicidade e tradicionalidade dos elementos constitutivos do texto. Esse modelo de estudo auxilia no reconhecimento e na distinção do gênero, no entendimento das escolhas linguísticas e na identificação dos traços de mudança e de permanência da língua e do texto ao longo da história. Dessa forma, este modelo serve como base para investigar as cartas escritas por N. e Z., revelando os elementos constitutivos tradicionais das cartas, além da sua função sociocomunicativa de uma interação a distância.

Estudos nesse âmbito, como as de Longhin (2014), Gomes (2019) e Silva (2018), revelam o caráter substancial do modelo de TD para o estudo do texto, principalmente sobre a historicidade/tradicionalidade e inovação dos elementos constitutivos do texto através do tempo/de uma perspectiva histórica.

1.2 História Social da Cultura Escrita

Qual o grau de habilidade que os missivistas N e Z possuem? Para responder a essa pergunta é necessário recorrer aos estudos centrados no campo da História Social da Cultura Escrita (HSCE).

Ao desbravar o campo de atuação da HSCE, iremos identificar uma disciplina que tem em sua gênese uma ligação direta com a Paleografia. Segundo Castillo Gómez e Sáez (2016, p. 165), a Paleografia é a “disciplina cujos métodos e ferramentas resultam necessários para uma compreensão mais enriquecedora e profunda do significado histórico-social da produção escrita”. Para tanto, segundo Martínez (1988), a Paleografia é constituída por três formas de análise:

- *Paleografia de Leitura*: detém-se a observar *o que* está escrito. Não se dedica apenas à leitura, mas também à transcrição do documento.
- *Paleografia de Crítico-Analítica*: debruça-se sobre *quando, onde e como* o documento foi escrito.

- *Paleografia da História Social da Cultura Escrita*: dedica-se a analisar *quem e por que* o documento foi escrito, aprofundando-se sobre a função e a difusão do escrito.

Isso indica que o labor paleográfico é constituído por três vieses de análise para que o pesquisador se aproprie sobre o documento analisado, priorizando a investigação e a interpretação dos documentos, conforme ressalta Petrucci (2003), pensando em *que* se trata o texto, de *quando* foi escrito, *onde* foi escrito, *como* foi escrito, *quem* o escreveu e *para que* foi escrito.

As análises sobre a escrita sob o campo da Paleografia ocorrem, no primeiro momento, sobre a paleografia de leitura e a crítico-analítica, mas, com os estudos realizados por Petrucci (2003), há um alargamento ao olhar para o documento questionando *quem e por que* o documento foi escrito. A expansão do campo com os questionamentos levantados por Petrucci (2003) é entendida como a Nova Paleografia, ou seja, uma nova forma de ler e analisar os manuscritos, notabilizando não somente a camada ilustre das sociedades, mas as diferentes culturas que envolvem o escrito.

Como apontado por Castillo Gómez (2020), em um primeiro momento, a Nova Paleografia preocupa-se com a materialidade das assinaturas encontradas em livros de batismo, atas de casamentos e outros manuscritos na tentativa de realizar um levantamento sobre a difusão da escrita e mensurar os níveis de alfabetização. Em um segundo momento, buscou-se a interpretação desses dados de assinaturas, ou seja, em uma perspectiva interpretativa sobre a difusão da alfabetização. A longo prazo, esta segunda fase da Nova Paleografia abrangeu outros cenários vinculados aos usos e práticas, agora não somente da escrita, mas também da leitura. A terceira fase, de caráter interdisciplinar, une duas linhas: a História da Alfabetização e a História Cultural, entendendo o processo de escrita como fenômeno cultural, acarretando ao que viria a ser um campo autônomo chamado de História da Cultura Escrita ou, como comumente é chamada, História Social da Cultura Escrita.

Para tanto, entendemos que a cultura escrita, como colocado por Castillo Gómez (2020), está ligada ao conjunto de práticas, de normas, de valores e de significados que estão associados aos usos da escrita em uma determinada sociedade. Ela abrange não apenas a habilidade de ler ou de escrever, mas também das formas como a escrita é utilizada, interpretada e valorizada dentro de um contexto cultural específico.

Diante disso, a HSCE examina a escrita com um olhar mais amplo. Ela investiga as diversas formas de como sujeitos de diferentes períodos e contextos fazem uso dessa escrita, além de observar o acesso à alfabetização, de como a escrita foi disseminada e de como as práticas de escrita moldam as interações sociais. A abordagem da HSCE destaca ainda a importância da escrita como uma ferramenta de poder, de controle e de expressão sociocultural, explorando como a escrita reflete e influencia a sociedade, a partir de questões de classe, de gênero, de poder e de identidade. De modo que a HSCE se detém, com os efeitos tanto sociais quanto culturais, à difusão e circulação da prática de escrita, preocupando-se com os sujeitos participantes de grupos sociais subalternizados e não apenas lançando olhares sobre escritos produzidos por instituições oficiais e pessoas ilustres.

A busca por uma história social da cultura do escrito “nos chega através de uma lente bifocal que tem em uma de suas caras o uso da escritura como instrumento de poder e na outra as marcas do acesso privado à habilidade de escrever por parte das classes populares” (Castillo Gómez; Sáez, 2016, p. 185). Para tanto, a lente com a qual observamos os escritos dos jovens pernambucanos é a que analisa a habilidade dos missivistas quanto à prática de interação de foro privado, sem abdicarmos de que estes escritos estão ligados a um contexto de produção determinado e a estruturas sociais de poder.

A habilidade ou a inabilidade com o mundo da escrita é uma característica que pode variar de indivíduo para indivíduo, de mão para mão. A classificação como hábil ou inábil depende de diversos fatores, incluindo o nível de escriptualidade, de índices fonético-fonológicos, da capacidade de organização das ideias, entre outros aspectos. De modo que a habilidade da escrita segue padrões estabelecidos socialmente e possuem diferentes contextos.

Dessa forma, espera-se que os sujeitos que compõem uma parcela desfavorecida de nossa sociedade, que não foram inseridos ao acesso ao processo de escolarização/alfabetização, durante a primeira metade do século XX, carreguem traços de inabilidade. Diante desse fato, como exposto por Castillo Gómez (2020, p. 85), os escreventes não ilustres “se movem na franja imprecisa entre a oralidade e a escrita, entre o alfabetismo e o semialfabetismo, isto é, no ponto em que se verifica o primeiro contato com o escrito e suas complexidades, regras, limites e mistérios”. As pesquisas realizadas por Petrucci (1978), Marquilhas (2000) e Santiago (2019) lançam olhares sobre a classificação, o entendimento e a discussão sobre a competência gráfica, diante de uma escrita hábil ou inábil.

O estudo precursor realizado pelo italiano Armando Petrucci (1978) aborda a caracterização da escrita de um caderno de contas do século XVI. O autor divide as habilidades dos escribas em três níveis baseado na destreza caligráfica dos escribas, sendo o nível *puro* (*pura*) considerado o mais elevado, seguido pelo *usual* (*usuale*) e, por último, o *elementar de base* (*elementare di base*). Esses níveis estão relacionados com a conformidade ao sistema de escrita utilizado no período, ao módulo das letras, ao emprego do sistema abreviativo, aos símbolos monetários, a presença de ligações entre as letras, e ao traçado (seguro ou hesitante), entre outros pontos.

O *elementar de base* é caracterizado pela ausência de elementos como pontuação, abreviaturas, diacríticos e a falta de ligamentos entre as letras, além da diferenciação entre maiúscula e minúscula; já o segundo nível, o *usual*, possui aspectos tanto do primeiro nível quanto do terceiro, evidenciando um traçado mais seguro e regular, com o uso de abreviaturas e de ligamentos; enquanto o terceiro nível, o *puro*, diz respeito a escrita com maior domínio técnico sobre o uso de abreviaturas, do sistema monetário e apresenta um traçado seguro.

Já Marquilhas (2000), ao analisar os documentos seiscentistas da Inquisição portuguesa, adota uma metodologia para a identificação das *mãos inábeis* - termo traduzido para português da expressão *scripteurs maladroits*, de Blanche-Benveniste (1993). Segundo a autora, para a caracterização *interna*, “interessa descrever-lhes as propriedades, não sem antes escolher um termo para designar esses executantes” (Marquilhas, 2000, p. 235). Diante do exposto, as mãos que produzem a escrita caracterizada como *elementar de base* ou *elementar* são designadas como *mãos inábeis* - termo também adotado para esta dissertação para mãos com poucas habilidades.

A metodologia adotada por Marquilhas (2000, p. 239-240) lista os seguintes traços para a identificação de uma mão inábil:

- *Ausência de cursus*: a representação de cada caractere, resultante da falta de destreza com a mão.
- *Uso de módulo grande*: a dificuldade em integrar as letras em um espaço menor.
- *Ausência de regramento ideal*: a incapacidade de seguir o alinhamento do pautado.
- *Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto*: a identificação dessas características é subjetiva, sendo possível apenas ao contrastar com textos elaborados por mãos hábeis.

- *Irregularidade da empaginação*: falta de proporcionalidade entre as margens, que podem não estar claramente definidas ou deslocam a apresentação gráfica para uma extremidade da folha.
- *Letras monolíticas*: desconhecimento da alografia dos sinais em contextos inicial, medial e final. Esta característica relaciona-se com a falta de recursividade e com o desenho autónomo dos caracteres.

Marquilhas (2000, p. 242) ainda analisa o que aponta como “problemas na representação das estruturas fonológicas” (Marquilhas, 2000, p. 243-266):

- *Hipersegmentação*: a inclusão de espaços em branco entre pequenos conjuntos de letras.
- *Grafias para sílabas com consoante líquida*: a ortografia irregular de formas com cadeias de consoantes que incluam /r/.

Ainda sobre a análise gráfica dos documentos seiscentistas, a autora analisa a mudança de fenómenos fonético-fonológicos:

- *Vocalismo*: envolve a análise das alterações fonético-fonológicas que atingem as vogais.
- *Consonantismo*: compreende a análise das alterações fonético-fonológicas que atingem as consoantes.

Outro estudo sobre o grau de habilidade é o de Santiago (2019), revelando que a caracterização de uma mão inábil é um desafio, uma vez que a inabilidade materializada nos documentos pode manifestar-se em um *continuum*, apresentando diferentes níveis. Em uma ponta desse *continuum*, encontra-se a identificação da inabilidade máxima, evidenciada pela presença do maior conjunto possível de marcas, destacando-se, principalmente, pelo desconhecimento de um padrão gráfico, que se manifesta de maneira marcante na dificuldade em grafar sílabas complexas, sinalizando uma expressiva limitação na habilidade de escrita. Os níveis intermediários desse contínuo, por sua vez, são caracterizados pela incidência parcial desses aspectos. Ou seja, os escreventes inábeis em estágios intermediários apresentam um grau menor de dificuldade com o mundo da escrita.

Dentro desse contexto, é relevante considerarmos os aspectos que são compartilhados por diferentes grupos de redatores inábeis, conforme o estudo realizado por Santiago (2019).

A autora lança uma proposta de caracterização com a finalidade de identificar traços que são compartilhados por escreventes que estão no *continuum* de inabilidade. Santiago (2019) realiza um estudo de extrema importância para a identificação e caracterização dessas mãos. A proposta de caracterização de um *continuum* de inabilidade, que varia de manifestações mais leves a casos mais severos, oferece um olhar para compreendermos e analisarmos o processo de escolarização/alfabetização, as relações e espaços de poder, além de oferecer uma melhor perspectiva para a seleção e organização de *corpora* e para o entendimento de uma norma linguística a partir das marcas deixadas pelas mãos dos missivistas. Tal compreensão é essencial para o desenvolvimento de pesquisas sócio-históricas, como as realizadas no âmbito do PROHPOR e do PHPB, por exemplo. A proposta de caracterização adotada neste estudo para verificarmos o grau de habilidade dos escreventes pernambucanos será detalhada no próximo item, em *procedimentos de análise*.

1.3 Procedimentos de análise

A partir do objetivo proposto, o procedimento de análise adotado visou a realização de uma investigação qualitativa de caráter descritivo e interpretativo, que passou por 3 (três) momentos.

A primeira etapa metodológica foi o levantamento bibliográfico, apresentado nas subseções anteriores. Esta etapa é pautada em dois pilares teóricos, a saber: na Linguística Histórica, a partir do Modelo de Tradição Discursiva (Koch, 1997; Kabatek, 2004; 2006; 2012; Longhin, 2014); e na História Social da Cultura Escrita (Petrucci, 1978, 2003; Martínez, 1988; Castillo Gómez e Sáez, 2016; Castilho Gómez, 2020), prezando pela caracterização das cartas do casal N. e Z., diante dos estudos de Marquilhas (2000) e Santiago (2012; 2019).

Na fase seguinte, realizamos a seleção, a organização e a edição do *corpus* após a sua aquisição. As cartas foram coletadas diretamente com os familiares dos escreventes e passaram pelo processo de edição, seguindo as normas de transcrição de manuscritos e impressos propostos pelo PHPB, disponível em Castilho (2019). Atualmente, as missivas compõem o acervo do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC). O *corpus* é constituído por 50 cartas pessoais escritas durante o final da primeira metade do século XX. Outras informações sobre o *corpus* estão dispostas no próximo item.

A terceira fase é constituída pela análise dos dados. Com efeito, a metodologia adotada nesta fase do trabalho contempla a historicidade do texto a partir de Longhin (2014), abordando as dimensões tradicionais das cartas: a tradição composicional e a tradição temática. Para tanto, analisamos a macroestrutura da carta e a sua função sociocomunicativa para uma interação a distância, refletindo sobre os aspectos tradicionais e inovadores. Em seguida, traçamos a temática abordada nas cartas enviadas pelo casal pernambucano N. e Z.

A análise da tradição composicional consistente em observar a organização e a construção textual, de modo que, ao observarmos determinados textos é possível identificarmos a que gênero o texto é pertencente, reforçando a ideia de que os elementos constitutivos dos gêneros possuem traços e funções que os caracterizam. A análise da tradição temática é também de caráter imprescindível para os estudos com as cartas pessoais, pois é por meio dela que conseguiremos identificar a qual subgênero a missiva é pertencente, revelando traços temáticos de cada subgênero.

Ainda na análise dos dados, em um segundo momento, partimos para a caracterização das mãos dos missivistas pernambucanos. A avaliação do grau de habilidade desses missivistas envolve diversos fatores, como a escriptualidade, a escrita fonética, as marcas físico-caligráficas, entre outros aspectos que serão detalhados mais à frente.

O estudo realizado por Alves Filho (2021) já identificou a inabilidade dos redatores pernambucanos N e Z, entretanto, como propõe Santiago (2019), há níveis distintos de inabilidade. A fim de realizarmos um melhor tratamento da caracterização, seguimos o *continuum* de inabilidade proposto pela autora, em que os índices permeiam entre a inabilidade máxima, inabilidade parcial e a inabilidade mínima:

A inabilidade máxima é característica dos redatores cujos textos apresentam maior quantidade de marcas na dimensão da escriptualidade (desconhecimento de convenções gráficas, como a dificuldade em grafar sílabas complexas com /r/ ou /l/). Esses redatores são os que manifestam coocorrência de marcas em, praticamente, todas as dimensões, principalmente em relação às que se referem aos aspectos físicocaligráficos. *A inabilidade parcial* está relacionada à menor presença, nos textos, de propriedades na dimensão da escriptualidade, em coocorrência à escrita fonética e a outras dimensões, como a da pontuação, da repetição e/ou da segmentação gráfica. Os aspectos referentes a pouca habilidade caligráfica podem ou não estar presentes, não é uma condição determinante. *A inabilidade mínima* pode ser caracterizada pela ausência de aspectos relacionados à escriptualidade, presença de dados de escrita fonética, além de marcas de mais uma das demais dimensões, raramente, de mais duas, seja a pontuação, a repetição ou a segmentação gráfica. Os

aspectos referentes a pouca habilidade caligráfica também podem ou não estar presentes, pois não é uma marca determinante (Santiago, 2019, p. 41-42).

Para tanto, Santiago (2019, p. 43) apresenta dimensões de análises para a caracterização da inabilidade máxima, parcial ou mínima. Também elegemos as dimensões de caracterização proposta pela autora para o nosso estudo descritas a seguir:

- *Esriptualidade - grafismos*: a representação da grafia irregular;
 - grafia de sílabas complexas;
 - deslocamentos e omissões de /r/, /l/ e /s/;
 - hipercorreção;
 - acréscimos de <r> <l> <s>;
 - representação da nasalidade;
 - representação exagerada e ausência da representação;
 - representação de dígrafos;
- *Escrita Fonética* - índices grafo-fonéticos;
- *Dimensão da Pontuação*;
 - ausência ou uso não convencional;
- *Repetição de Vocábulos*;
- *Habilidade Motora ou Físico-Caligráficas*;
 - ausência de *cursus*;
 - uso de módulo grande;
 - ausência de regramento ideal;
 - traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto;
 - irregularidade da empaginação;
- *Segmentação Gráfica*;
 - hipossegmentação ou hipersegmentação;

No próximo item, como mencionado anteriormente, detalhamos o *corpus*, abordamos o processo de transcrição e traçamos o perfil dos missivistas.

1.3.1 O Corpus

As cartas de N e Z estão organizadas em dois blocos: 1949 e 1950. Abaixo, organizamos o quantitativo de cartas de acordo com cada ano.

Quadro 2: Constituição do *corpus*

	Cartas de N	Cartas de Z	Total de cartas
Cartas de 1949	12 cartas	17 cartas	29 cartas
Cartas de 1950	9 cartas	12 cartas	21 cartas
Total de cartas	21 cartas	29 cartas	50 cartas

Fonte: elaborado pelo pesquisador

O *corpus*, portanto, é constituído por 50 (cinquenta) cartas trocadas entre um jovem casal de noivos pernambucanos durante o final da primeira metade do século XX, no ano de 1949 a 1950. Dessa forma, o *corpus* está distribuído em 21 (vinte e uma) cartas escritas por N. (a noiva): 12 (doze) referentes ao ano de 1949 e 9 (doze) referentes ao ano de 1950; e 29 (vinte e nove) cartas escritas por Z. (o noivo): 17 (dezessete) referentes ao ano de 1949 e 12 (doze) referentes ao ano de 1950. No quadro 3 está disposto o referencial da carta, com a data, mês e o ano em que cada missiva foi escrita.

Quadro 3: Distribuição e detalhamento do *corpus*

Cartas de N (noiva) para Z (noivo)	
1949	1950
Carta 01, N-Z, 21/05/1949	Carta 13, N-Z, 10/01/1950
Carta 02, N-Z, 04/07/1949	Carta 14, N-Z, 17/01/1950
Carta 03, N-Z, 22/07/1949	Carta 15, N-Z, 12/02/1950
Carta 04, N-Z, 02/08/1949	Carta 16, N-Z, 17/02/1950
Carta 05, N-Z, 09/08/1949	Carta 17, N-Z, 13/03/1950
Carta 06, N-Z, 02/09/1949	Carta 18, N-Z, 08/03/1950
Carta 07, N-Z, 13/09/1949	Carta 19, N-Z, 16/03/1950
Carta 08, N-Z, 29/09/1949	Carta 20, N-Z, 27/03/1950
Carta 09, N-Z, 20/10/1949	Carta 21, N-Z, 18/07/1950
Carta 10, N-Z, 18/11/1949	-----
Carta 11, N-Z, 15/12/1949	-----
Carta 12, N-Z, 26/12/1949	-----
Cartas de Z (noivo) para N (noiva)	

1949	1950
Carta 01, Z-N, 11/04/1949	Carta 09, Z-N, 28/02/1950
Carta 02, Z-N, 02/05/1949	Carta 18, Z-N, 07/01/1950
Carta 03, Z-N, 11/06/1949	Carta 19, Z-N, 14/01/1950
Carta 04, Z-N, 17/07/1949	Carta 20, Z-N, 14/02/1950
Carta 05, Z-N, 27/07/1949	Carta 21, Z-N, 28/02/1950
Carta 06, Z-N, 06/08/1949	Carta 22, Z-N, 07/03/1950
Carta 07, Z-N, 07/08/1949	Carta 23, Z-N, 22/04/1950
Carta 08, Z-N, 14/08/1949	Carta 24, Z-N, 03/05/1950
Carta 09, Z-N, 27/08/1949	Carta 25, Z-N, 13/05/1950
Carta 10, Z-N, 05/11/1949	Carta 26, Z-N, 04/07/1950
Carta 11, Z-N, 22/10/1949	Carta 27, Z-N, 09/07/1950
Carta 12, Z-N, 23/10/1949	Carta 28, Z-N, 13/07/1950
Carta 13, Z-N, 05/11/1949	Carta 29, Z-N, 30/07/1950
Carta 14, Z-N, 13/11/1949	-----
Carta 15, Z-N, 05/12/1949	-----
Carta 16, Z-N, 10/12/1949	-----
Carta 17, Z-N, 23/12/1949	-----

Fonte: elaborado pelo autor

1.3.2 Normas de transcrição

A edição dos manuscritos deu-se, primeiramente, por meio de uma edição fac-similar e, posteriormente, por meio de uma edição filológica (semidiplomática), por acreditarmos que as intervenções realizadas pelo editor nos documentos são consideravelmente necessárias, por isso, que não alteram o vernáculo do texto.

A edição fac-similar, apresentada abaixo (imagem 1), conta com a quase não interferência do editor ao reproduzir de modo fidedigno o texto digitalizado ou fac-similar, que para este artigo deu-se pela captura fotográfica do documento. Os manuscritos em sua grande maioria são documentos em bom estado de conservação, livre de furos, rasgos ou outros sinais

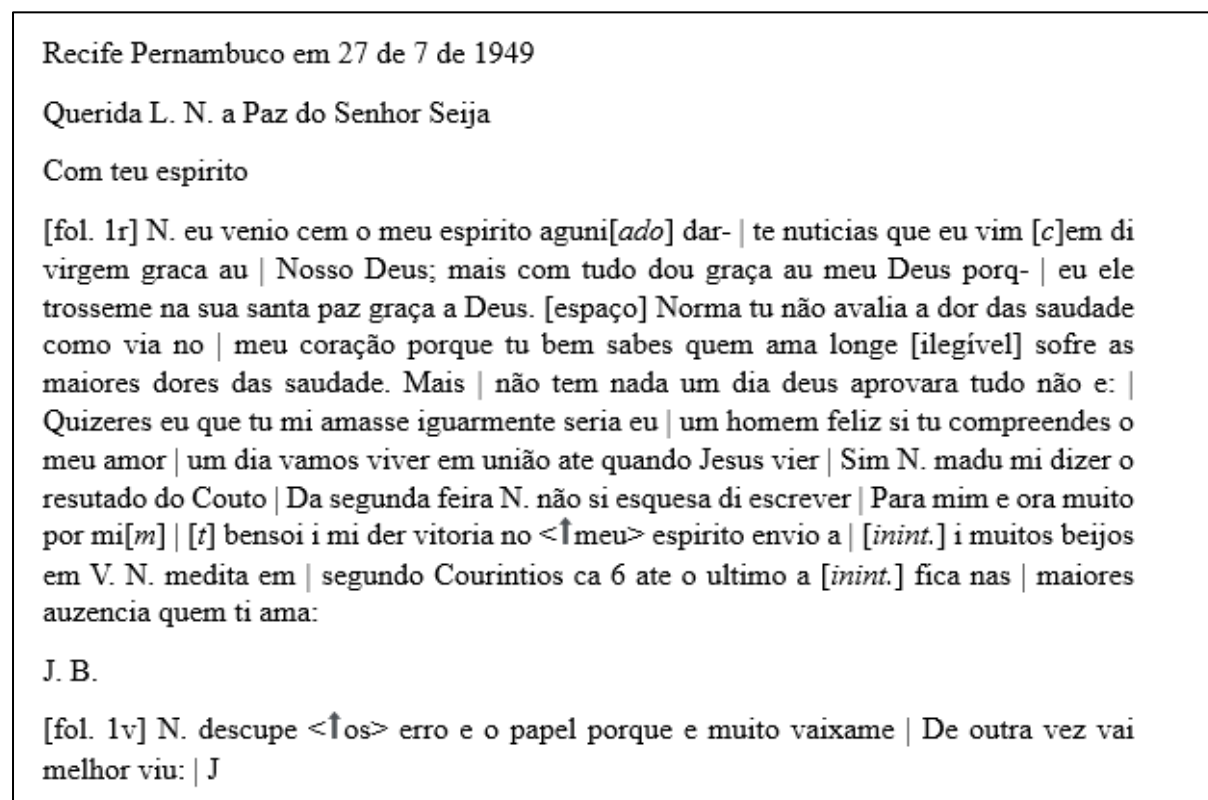
de deterioração. As tarjas inseridas na imagem 1 foram utilizadas com a finalidade de proteger a identidade de quem escreve e de quem foi mencionado na carta.

Imagem 1: Frente do fac-símile

Recife Pernambuco Com 27 de 10 de 1949
 Querida In a Paz do Senhor Deus
 Com este espirito
 In eu venio Com o meu espirito agunindo dur-
 de multicaes que eu vim Com di Dingem graça au
 Nosso Deus; mais Com tudo dae graça au meu Deus porq-
 ue ele trouxe-me na sua Santa paz graça a Deus.
 In tu não adalia a dor das doalade Como dia no
 meu Coração porq-ue tu tem sabeguem ama longa
 (Drofa) sofrer as maiores dores das doalade. Mais
 não tem nada um dia deus provaora tudo não e:
 Sujeitos e que tu mi amase igualmente dezin eu
 Um homem fogio Vi tu Comprehender o meu amor
 Um dia fomos viver em união e to quando ogeru dia
 Dimm m madami dizer o resultado do ~~Estado~~ Estado
 Da Segunda feira m não vi engenda di escrever
 Para mim é era muito por mim para que Deus mi
 e bensoi i mi dar vitória no ~~meu~~ ^{meu} espirito emio a
 A tua i muitos beijos em vida. m medita em
 Segundo Corintios Ca e a to on ultimo a Perifico mais
 maiores angencia quem tu ama.
 J

Esta segunda edição, disposta na imagem 2, a semidiplomática ou filológica, visa “facilitar ainda mais a leitura do texto” (Cambráia, 2005, p. 96), promovendo uma maior acessibilidade ao conteúdo do texto.

Imagem 2: Edição filológica ou semidiplomática



Fonte: Carta 05, Z-N, 27/07/1949

Para esse tipo de edição, seguimos as normas de edição, disponíveis em Castilho (2019), do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), como descritas a seguir:

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas serão desenvolvidas, marcando-se em *itálico* as letras omitidas.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzir hífen ou apóstrofo onde não houver.
4. A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior o intervalo deixado pelo escriba será marcado [espaço]. Será observado casos especiais, como a sinalização [espaço] não se aplicar aos espaços em cabeçalhos, títulos e/ou rótulos de seções de periódicos, fórmulas de

saudação/encerramento ou na reprodução de diálogos, devendo o editor estabelecer o intervalo conforme o original.

5. A acentuação e os sinais de separação de sílaba ou de linha, usados pelos autores dos diversos documentos, serão mantidos como no original.

6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

7. As eventuais grafias diferenciadas serão remetidas para nota de rodapé, onde se registrará(rão) sua(s) variante(s) mais comum(ns) e, quando possível, considerações sobre a variação em si.

8. Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem aos seguintes critérios:

a) Se na entrelinha do documento original, entram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: < >; <↑>, se na entrelinha superior; <↓>, se na entrelinha inferior. Se houver palavra(s) riscada(s) abaixo da inserção, deverá haver menção ou, conforme sua legibilidade, transcrição em nota de rodapé.

b) Se nas margens superior, laterais ou inferior, entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Caso seja necessário, ficará em nota de rodapé a devida descrição da direção de escritura ou quaisquer outras especificidades.

9. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. No caso de repetição que o escriba ou copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos.

10. Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer em nota de rodapé informando a localização.

11. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes. Quando houver dúvida sobre a decifração de alguma

letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão será posto entre colchetes e em *itálico*.

12. Letra ou palavra(s) não legível por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [...] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Caso suponha ser extremamente necessário, o editor indica em nota a causa da elegibilidade: corroído, furo, borrão, rasura, etc.

13. Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [inint.] para vocábulos e [inint. + n linhas] para a extensão de trechos maiores.

14. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical | entre as linhas. A mudança de parágrafo será indicada pela marca de duas barras verticais ||.

15. A mudança de fólio ou página receberá a marcação entre colchetes conforme o caso: se em documentos manuscritos, com o respectivo número e indicação de frente ou verso. Exemplos: [fol. 1r]; [fol. 1v]; [fol. 2r]; [fol. 2v]; [fol. 3r]; [fol. 3v]; [fol. 16r].

16. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.

17. Os sinais públicos, diferentemente das assinaturas e rubricas simples, serão sublinhados e indicados entre colchetes.

18. Informações que o editor julgar significativas sobre a diagramação e layout do texto em impressos devem aparecer em nota de rodapé.

1.3.3 O perfil dos missivistas

"Se eu escrever para ti, tu respondes minhas cartas?". Essa é uma indagação que surge no intercâmbio epistolar entre N (a noiva) e Z (o noivo), ganhando relevância dentro do contexto da cultura escrita. O envio e o recebimento de cartas é uma prática de comunicação que representa uma prática social comum, especialmente durante o período em que os meios

de comunicação à distância eram limitados. No caso dos jovens pernambucanos, a carta desempenhava um papel central como o principal meio de interação entre os enamorados.

Para o jovem casal, as cartas proporcionavam um espaço íntimo para declarar os seus sentimentos. Assim, além de ser o meio de comunicação possível entre os missivistas em um tempo de limitações tecnológicas, as cartas trocadas entre N e Z assumem um papel maior, representando não apenas uma interação à distância, mas um canal para expressar o discurso amoroso (Barthes, 2018), fortalecendo o vínculo entre os missivistas.

Essa forma de interação, evidenciada nas correspondências entre os interlocutores pernambucanos, é considerada uma memória material sobrevivente até os dias atuais. De modo que, a documentação histórica analisada, nos permite uma imersão à prática de interação e escrita epistolar realizada no final da primeira metade do século XX e nos proporciona uma base para investigarmos, dentro desse recorte espaço-temporal, a historicidade da língua e do texto.

Dito isso, nesta seção, traçamos o perfil do casal de noivos pernambucanos com base no conteúdo das cartas e numa entrevista sociolinguística concedida por N (a noiva) e Z (o noivo), em 26 de setembro de 2014, com uma duração de 54 minutos, além da pesquisa realizada por Gomes (2019). Com a construção do perfil dos missivistas, exploramos a história social dos remetentes das cartas, situando-os na prática cultural de trocar correspondências amorosas entre os anos de 1949 e 1950.

N, a noiva, nasceu em Recife, em 5 de fevereiro de 1935, mas mudou-se para Goiana com 1 ano e meio de idade devido à separação dos pais. Z, o noivo, nasceu em Goianinha e cresceu nos engenhos da Zona da Mata Norte Pernambuco, em 19 de março de 1930, e, posteriormente, mudou-se para Campo Grande, bairro de Recife.

Primos, N e Z iniciaram um relacionamento e, em seguida, Z precisou mudar-se em busca de uma melhor condição de vida. A interação realizada pelos noivos, por meio da troca das cartas amorosas, desempenhava o papel de consolidar o relacionamento e demonstrar o amor sentido e a saudade sentida. No período em que as cartas eram trocadas, N tinha 14 anos e Z 19.

Quanto à educação formal, N frequentou uma escola particular até o 5º ano do ensino fundamental, enquanto Z concluiu o primário aos 15 anos. A diferença em relação ao ensino

não foi um obstáculo para a produção do discurso amoroso expresso nas cartas do jovem casal, como contraposto com a música “E.C.T.” de Cássia Eller (1994), ao ser musicado que “O professor me ensinou a fazer uma carta de amor”, fazendo referência a aprender a escrever cartas de amor na escola, para N e Z, por outro lado, a prática de escrita de cartas não foi adquirida no ambiente escolar, como foi indicado na entrevista.

As cartas escritas pelo jovem casal pernambucano revelam a pouca escolaridade através das desculpas por eventuais “erros de caligrafia”, mas o que não diminui ou invalida a profundidade do discurso amoroso nelas contida. Ao contrário, a intimidade, a cooperação e a aceitação comunicativa entre N e Z rompem as normas e os desafios de uma comunicação escrita. Através das “mal feitas linhas”, como os missivistas mesmo descrevem em suas cartas, N e Z conseguiram transmitir seus mais profundos sentimentos apesar da distância física que os separava. Portanto, a escrita de cartas amorosas revela o profundo sentimento de um casal distante fisicamente, mas unidos pelas “maiores dores das saudades”.

SEÇÃO 2 - CARTA PESSOAL: PRÁTICA DE INTERAÇÃO A DISTÂNCIA

Eu, apesar de nada ter para te escrever, ainda assim escrevo,
pois parece que falo contigo.

Epistulae ad Atticum (Cícero *apud* Tin, 2005, p. 21)

Abordamos no item 2.1 *Teoria epistolar e a construção da tradição carta pessoal* sobre o processo de construção de uma teoria da escrita de cartas a partir do filósofo Cícero com a *ars dictandi*. Em seguida, no item 2.2 *Os subgêneros da carta pessoal*, traçamos com base nas cartas disponíveis no banco de dados do LEDOC a macro e a microestrutura das cartas pessoais dos diferentes subgêneros. Por último, no item 2.3 *Traços de proximidade e distância comunicativa*, analisamos os traços de proximidade e de distância comunicativa presentes nas cartas pessoais.

2.1 Teoria epistolar e a construção da tradição carta pessoal

Conforme relata Conceição (2010, p. 14), até a criação do telégrafo, a carta era o único meio de comunicação que “reduziu as distâncias e permitiu aos ausentes fazerem-se presentes”. Para tanto, entendemos que a teoria epistolar refere-se ao estudo sobre a arte da escrita de cartas, cuja tradição atravessa a história da comunicação e realiza a interação por meio do escrito.

Por exemplo, as cartas do filósofo Cícero desempenham um importante papel para o entendimento dos seus pensamentos, sobre a sua vida e para a construção do gênero carta pessoal, tendo em vista que Cícero redigiu uma quantidade significativa de cartas ao longo de sua vida, dirigindo-se aos seus amigos e familiares. Suas correspondências, nomeadas como *epistulae ad familiares* (Borges, 2015), são fonte de informações sobre os eventos, as relações sociais e a sociedade na Roma Antiga.

Diante do estudo de Borges (2015) sobre as cartas de Cícero, bem como apontado por Ramos (2017), é possível identificarmos que o filósofo começa a moldar o gênero carta pessoal ao transmitir informações não apenas filosóficas e políticas, mas também ao incorporar

elementos emocionais em suas correspondências: ao oferecer conselhos, ao expressar gratidão e ao compartilhar vivências pessoais; contribuindo para a construção de uma comunicação mais íntima com os seus interlocutores. Entretanto, mesmo com a sua gênese fundada a partir das missivas enviadas por Cícero, cujo propósito era, por meio de uma escrita privada e de temática sobre o cotidiano, comunicar-se com um interlocutor ausente (Ramos, 2017).

Foi no período medieval que os autores começaram a elaborar uma teoria epistolar, a composição e estruturação da carta pessoal com o tempo se consolidam, desempenhando um papel importante para a manutenção de relacionamentos, para a manifestação de sentimentos e para a difusão de informações em uma época em que as comunicações pessoais eram constantemente limitadas pela distância entre os interlocutores. Mais especificamente na Itália, no final do século XI (Ramos, 2017), depois expandindo-se por toda a Europa, há a tradição da *ars dictandi*, ou a arte de escrever documentos e cartas, possuindo resquícios da retórica clássica e popularizando-se em cinco partes (Plett, 2001 *apud* Costa, 2012, p. 151):

- *salutatio*: saudação
- *captatio benevolentiae*: captação da benevolência do interlocutor
- *narratio*: informação sobre um estado de coisas
- *petitio*: pedido
- *peroratio*: conclusão

A partir do que é exposto por Costa (2012), é possível traçarmos a historicidade da carta pessoal apoiado na teoria epistolar, sendo constituída pelo: o *salutatio*, que é componente que apresenta o cumprimento inicial, uma saudação, realizada pelo missivista ao seu interlocutor no início da carta. A saudação é uma forma de estabelecer um vínculo inicial de modo cortês; o *captatio benevolentiae*, que é uma técnica da retórica clássica para capturar a boa vontade do interlocutor, garantindo a atenção e o interesse pela leitura da carta antes de apresentar o núcleo do texto; o *narratio*, que é a parte do texto epistolar em que é exposto o assunto em questão, ou seja, o real motivo do contato realizado pelo emissor para o seu destinatário; o *petitio*, que é o recurso constitutivo da carta para que o missivista realize um pedido ao seu interlocutor; e, por fim, o *peroratio*, que é parte final da carta em que o missivista conclui o seu texto por meio de apelos emocionais ou recapitulando algo já dito anteriormente.

A *ars dictandi* foi uma disciplina presente nas escolas medievais e renascentistas com a finalidade de ensinar aos alunos a produzirem uma diversidade de textos, como discurso

público, correspondências, sermões e documentos oficiais. Os alunos aprendiam a estruturar seus argumentos de forma lógica e persuasiva. Para tanto, a *ars dictandi* tinha aplicações práticas em uma sociedade em que a comunicação escrita desempenhava um papel crucial para informar e persuadir o público. Vale salientarmos que a escrita de textos que seguia a tradição da *ars dictandi* era estruturada de acordo com modelos e fórmulas preestabelecidas, serviam como guias práticos para a escrita de cartas e de documentos, prezando pela retórica e pelo uso adequado da linguagem para uma comunicação eficaz.

Kewitz e Simões (2019) destacam, dentre outras, a obra *Secretario Portuguez, ou methodo de escrever cartas*, de Francisco José Freire, em que dispõe para seus leitores modelos de cartas, o que incluía também fórmulas de cortesia e de expressões formais para a escrita de documentos. O *Secretario Portuguez*, bem como outros manuais de sua época voltados para a *ars dictandi*, reflete a preocupação com as normas sociais e a necessidade dos sujeitos de se comunicarem de maneira eficaz por meio da escrita. Segundo Gastaud e Costa (2017, p. 16), a “habilidade, a de enviar uma carta em todos os sentidos adequada, era mais um marcador social que evidenciava a origem de classe do autor”. Portanto, adentrar nos manuais e na história da teoria epistolar é também adentrar nas práticas socioculturais de escrita e nas relações sociais.

A forma de comunicação por carta expande-se cada vez mais com suas devidas inovações mediante às necessidades comunicativas, mas mantendo a tradição de uma escrita epistolar implantada pelos manuais ao desenvolver as habilidades na arte de composição e estruturação dos textos, especialmente na redação de cartas e documentos oficiais, reforçando uma espécie de pacto social, conforme discute Gastaud e Costa (2017, p.17):

a organização do texto e sua materialidade eram aspectos que convertiam a carta em um artefato capaz de representar as regras do pacto social e, portanto, capazes de projetar uma imagem de quem a escreveu e de sua posição naquela sociedade. Alterar as regras de escritura das cartas implicava romper o pacto social.

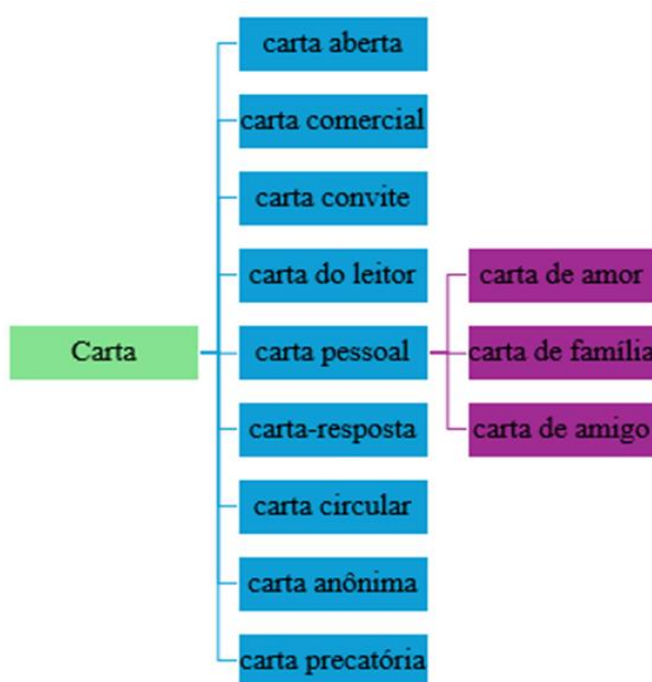
Como exposto por Kewitz e Simões (2019, p. 226), a manutenção dessa tradição discursiva é iniciada pelos manuais, mas que, de certa forma, ultrapassam os limites da língua e “perdem sua ‘autoria’ à medida que são incorporadas a comunidades linguísticas que as adotam e atualizam”. Como propomos para esta dissertação, iremos observar se mesmo com as mãos caracterizadas como inábeis esses traços tradicionais da carta pessoal se fazem presentes na escrita do jovem casal N e Z.

2.2 Os subgêneros da carta pessoal

Para este trabalho, adotamos o conceito *constelação de gêneros* empregado por Araújo (2021) que se refere à diversidade e interconexão dos gêneros textuais/discursivos. Nesse contexto, um gênero não diz respeito tão somente a formas específicas, mas também a diferentes tipos de textos ou de discursos que compartilham traços em comuns, seja em termos de estrutura, de estilo ou de um propósito comunicativo. Assim, o conceito de *constelação de gêneros* retrata a ideia de que há uma variedade de formas textuais que coexistem e se relacionam entre si. Essa diversidade pode incluir gêneros literários, bem como gêneros não literários, como é o caso das cartas.

A metáfora adotada por Araújo (2021) de constelação sugere que determinados gêneros não existem isoladamente, mas que possuam traços constitutivos que se interconectam, como na carta, que é constituído por um grupo de cartas: “carta pessoal, carta aberta, carta comercial, carta convite, carta do leitor, carta-resposta, carta circular, carta anônima e carta precatória” (Marcuschi, 2000, p. 14). Por sua vez, a carta pessoal, também objeto de estudo desta dissertação, está interligada a um subgrupo: cartas de amor, cartas de amigo e cartas de família, em que cada subgênero desempenha um papel específico em uma interação a distância.

Esquema 4: Constelação da Carta



Fonte: elaborado pelo autor a partir de Marcuschi (2000, p. 14)

A compreensão de uma constelação implica em reconhecer como esses gêneros e subgêneros se relacionam e se complementam dentro de uma sociedade, ao passo que a esfera comunicativa em que esses gêneros e subgêneros atuam e a função que esses gêneros e subgêneros exercem os qualificam e os distinguem.

Diante disso, nesta subseção, realizamos uma análise e discutimos sobre a estrutura dos diferentes subgêneros da carta pessoal. O nosso objetivo com essa análise é identificar os elementos que se repetem e se mantêm constantes nas cartas pessoais. Além disso, examinamos se os remetentes dessas cartas continuam a seguir as tradições estabelecidas pela *ars dictandi* e se há uma continuidade com o pacto social associado a essa forma de comunicação (Gastaud; Costa, 2017).

Ao analisarmos os subgêneros da carta pessoal, em específico nas cartas disponíveis no banco de dados do LEDOC, que dispõe de três subgêneros da carta pessoal: carta de amigo, carta de amor e carta de família, identificamos os seguintes elementos:

- *local e data*, de quem escreve a carta; a *saudação*, que apresenta uma forma de cumprimento com o receptor da correspondência;
- o *vocativo*, para Silva (2018, p. 62) “marca textualmente o interlocutor”;
- *captação de benevolência*, que é o contato inicial do escrevente para com o receptor;
- *núcleo da carta*, que é o motivo pelo qual ela foi escrita, e onde há mais individualidade e autonomia por parte do remetente;
- *seção de despedida*, como a nomenclatura já diz, o desfecho da carta;
- *assinatura* do missivista.

Não necessariamente, todas as cartas seguem ou carregam esses elementos constitutivos, podendo assim, em alguns casos, não haver o uso de um ou outro elemento que compõe a carta pessoal. De modo que, acreditamos que a seleção dos elementos que constituem a macroestrutura da carta pessoal dependerá do grau de habilidade que o missivista possua com a prática de escrita e do contexto comunicativo em que se encontram os missivistas, seja pelo grau (in)formalidade, pela familiaridade entre os escreventes ou até mesmo pela situação em que se encontram os interlocutores.

Quadro 4: Elementos constitutivos da organização da carta

TRADIÇÃO DISCURSIVA (macroestrutura)	CARTA DE AMIGO (carta MB, 1922)	CARTA DE AMOR (carta C-J, 1922)	CARTA DE FAMÍLIA (carta MS, 1937)
(Local e data)	Goyana 15 de Março de 1922	Poção 1 de julho de 1972	Maceió, 29 de Outubro de 1937
(Vocativo)	Mercesinha	Querida C.:	Querido Hoel
(Saudação)	-----	Saudades!	-----
(Captação de benevolência)	Recebi aqui hontem a tua cartinha de 4 d'este que me deu muito praser e me augmentou o appetite pois recebi-a na hora e na mesa do jantar.	O objetivo desta não é apenas responder uma carta com sua que há dias eu esperava, com ansiedade como também dar-lhe os meus mais sinceros agradecimentos por o presente tão significativo que você me enviou Demonstrando assim que a ausência não sua a minha insignificante pessoa. muita vontade de responder sua carta que recebi, porém não houve tempo, sei que você entende perfeitamente minhas cer custâncias ou não:	Escrevi hoje ao <i>Senhor</i> Marcelino [inint.] ([inint.])
(Núcleo da carta)	Estou aqui em Goyanna desde Domingo e d'aqui irei a Tambauba para on- de levo a vontade de visitar Totonia, Didi e Bonhão. Não sei se terei coragem de complementar a viagem a cavallo. Depois da corrida que dei ahi fiquei com medo dos [insetos] [Fol. 1 v] Para o Recife e para aqui tenho feito boas viagens. Estou com muita vontade de voltar mas não o posso . Fosse tão de pressa como desejo. [Rasurado] a Leopoldo que ha	C. como passou o São João. e io São Pedro bem? espero que tenha passado estis dias bem divertida mas... Eu passei conforme as suas recomendações dancei bastante mas não.... foi bom porque o correu tudo empaz porem teria sido melhor si tivesse passado com você mas infelizmente não foi possível. C. mais uma vez peço-lhes desculpa pois ainda não é possível mandar a foto desta vez talvez pense que é mávontade minha mais não é nada disso o motivo é somente por que eu não tenho a foto e aqui é difícil de tirar a não ser em S. Talhada ou em floresta a	Victor indagando si elles poderão enviar para aqui em experiencia, <u>Remi</u> [inint.], um radio <u>typo</u> <u>bem moderno</u> , de 8 valvulas, <u>conjugado</u> , Eu queria que <i>você</i> fosse lá na 4ª feira (amanhã é feriado) e conversasse em meu nome com o chefe da casa a respeito do assumpto. Caso elles possam enviar o radio, <i>você</i> peça para [inint.] no trem de 5ª feira pois eu tenho desejo de reve- ver [inint.] com ingenho, depois de experimentar outros aparelhos – Outro pedio: <i>você</i> procure tambem o Edvaldo Guimarães (o do seu Joaquim) e

	quatro dias que não [Tremo]. Passei o carnaval na Usina Estreliana. Adeus.	cho que você deve entender que não é mávontade minha mas não se preoculpe que logo enviarei pois ainda não foi possível ir em nem um desses lugar sim não trouxe o postal deixei dentro do seu livro todavia o assunto mi foguei	indique aelle dos rádios <↑ Philco> que [fol. 1v.] posso, <u>bons</u> , e de preço equivalente ao 141 Victor, K. 80 G.E. etc. si puder, peça para avaliar. E pergunte também a elle si eu poderei aqui ter uma expe- riência. [inint.]? Mande uma resposta urgente de tudo.
(Seção de despedida)	Dê por mim um abraço a todos e receba o que d'aqui te envia. Pai e amigo	então até Breve se Deus permeti Termino desejando um mundo de felicidades para você e todos prezada família mas uma vez pesso desculpa pelos erros e os borroes i a demora tudo isso é o pouco saber A Deus Querida	Si precisar do telegrapho, procure o Benjamin no gabinete do D.R. ou o Olympio: - Tudo bem. Beijos do pae amigo
(Assinatura)	M. Borba.	Assina o sempre seu J G Saudades O AMOR e lindo é verdadeiro	Mario

Fonte: *corpus* do LEDOC

Ainda sobre o quadro 4, identificamos que determinados elementos constitutivos seguem uma tradição diante da composição estrutural presente desde a Idade Média e que perpassam o tempo em função do contexto comunicativo, principalmente no que diz respeito a uma interação a distância. Diante disso, acreditamos que cada elemento constitutivo da carta pessoal se faz presente nas missivas mediante uma finalidade específica, garantido uma boa recepção e um bom entendimento diante de uma comunicação a distância.

Já o quadro 5 apresenta uma correspondência ativa enviada por Arthur Orlando para a sua esposa Maria Fragoso. O missivista compõe uma parte ilustre da sociedade pernambucana e é conhecedor dos modelos epistolares. Entretanto, ao analisarmos a carta, observamos que o missivista não faz uso de todos os elementos tradicionais que constitui a macroestrutura da carta pessoal, apresentando uma linguagem poética e expressando uma subjetividade ao transpassar para o papel as suas emoções por meio do discurso amoroso. Diante desse exemplo, consideramos que a macroestrutura é mais um fator para a definição do grau de inabilidade, mas não definidor. Ou seja, acreditamos que o não uso de todos os traços tradicionais da carta exposta no quadro 5 tem por sua razão a finalidade e da situação comunicativa. A carta faz parte do subgênero carta de amor, o que possibilita ao missivista desatar os nós das amarras

sociais e priorizar o núcleo da mensagem, tendo em vista que o receptor da mensagem seja uma pessoa íntima do missivista, possibilitando tal feito.

Quadro 5: Elementos constitutivos da organização da carta de Arthur Orlando

Local e Data	Recife, 2 de Novembro de 1908
Núcleo da Carta	Estou preso, ap- proima-te da gaiola. Quero, não beliscar teu dedo como teu <u>vívio</u> ; quero beijar -te nos seios, nos olhos, na boc- ca, quero beijar- te loucamente, furiosa mente, como quem deseja sorver-te em bei- jos e em bei- jos finar-se com- [fol. 1v] tigo. Não tenhas medo, minha febre não é paludismo, é lou- cura por ti. Vem ver-me e olhar muito para mim. Não te esque- ças de que é com as linhas de teus braços e com a cor de teus olhos que minha alma vai todos os dias desenhando o seu ide- al.
Assinatura	Arthur Orlando

Fonte: corpus do LEDOC

Sobre o papel temático das cartas, identificamos que as missivas que constituem o banco de dados do LEDOC evidenciam os seguintes padrões temáticos:

a) Revelar informações cotidianas

1) Aqui o calor vai-se fa-|zendo sentir, teremos talvez um| verão excessivamente quente.| Biluca tem estudado muito?| Receio que ella passe, se| bem que continuo a estudar| com applicação. Termino man-|[fol. 3v] dando o papai, zizinho, mui-|tos beijos dos que lhe mando. || Sua filhinha || Carinhosa || Maria Arthur Fragoso da Silva. || Maroca (carta AO 9, 1900)

2) Hontem Dona Chiquinha e Laura, á | tarde, foram lá em casa de Tio E-| velino visitalo bem como a Tia | Julia, unindo assim estreitamente | as relações entre as familias mi-| nha e della. O incidente que houve | ha annos entre o saudoso amigo lIs- | rael e tio Evelino e que fes ficaram | estremecidos (em parte) as familias | Maia, Araujo e Sette, já terminou | felizmente. (carta MS 01, 1905)

b) Alegar recebimento e/ou envio de cartas, jornais ou postais

3) Pouso Alegre, 12/12/41 || Mamãe || Abençoe este teu filho que muito a quer bem. || Recebi sua carta e a do China do dia 8 juntamente com | os jornais (...) (carta BB 01, 1941)

4) Belo Horizonte 23/3/42|| My dear Princesa|| Para todos vocês, principalmente você, | meu cumprimento muito cordial. || Recebi sua cartinha do dia 3, só agora me foi | possivel responde-la. Como você sabe, gente | IMPORTANTE como eu, está sempre atarefada com | os multiplos problemas e [rasura] dispõe de pouco | tempo para atender a NUMEROSA correspondência | cotidiana.(...) (carta BB 05, 1942)

c) Relatar problemas de saúde ou morte de algum ente

5) eu estou resfriada tanbem mas| mãe esta mais duque eu ela esta| doente e muinto e com isto ela esta| neuvosa com esta doença eu tenho| me contrariado bastante porque ele tem| febre ja separou dagente com isto só| faltou morrer de desgosto mas é assim| mesmo confio em jesus que ela vai| ficar bôa ore por ela viu?| J. (...) (carta 6, N para J, 1949)

6) Santo Amaro 3 de Novembro de 1904 || Minha irmã || Acabo receber comunicação de | Adelia, do fallecimento de Carlos da | mesma molestia do nosso infeliz pae - | Eu ignorava que elle estivesse com a | molestia tão adiantada. Você avalei | a impressão que me causou semelhante | desgraça que lhe ferio. Minha irmã | Deus que lhe dê a coragem e resignação | precisas para você suportar semelhante | infelicidade. (...) (carta CAM 03, 1904)

d) Enviar notícias sobre viagem e trabalho

7) Paris 4 de junho || Meu caro Salvador || Mais [*inint.*] de que pensei, devemos en|contrar nos [*ilegível*] em New York. Estou em Paris|apenas uns três dias sigo a parar uns oito| em Londres, e por volta do dia 22 seguirei| para New York. Como tu sabes foi nomeado [*ilegível*] a nova [*delegação*] em Washington.| Como mais precisão te escreverei sobre o dia | da minha chegada; (carta JN 03, 1876)

8) Estamos aqui desde o dia 2. Saimos | do Rio no dia 31 as 2 horas da | tarde. Tenho sentindo muito frio. | Na estrada de ferro a qual [*ilegível*] [*Folha 2r*] rodeando um morro, é de um perigo | horrível, passamos 14 tuneis e muitas | pontes perigosas, levamos mais [*ilegível*] 3 | horas subindo o morro. Com a vista | lhe direi o que vi de bonito nesta estrada- | da. || Titias Herculina e Maricas lhe | enviam abraços. || Muitos beijos [*ilegível*] | de seu paisinho. Você e papai acceitem | um abraço do filhinho || Waldemar. (carta WO 02, 1908)

De modo geral, ao passo que as cartas apresentam um padrão temático comum que abrange assuntos variados (a; b; c; d), reconhecemos que os subgêneros de cartas são definidos por uma série de características que estão além desse padrão temático geral, como mencionado por Silva (2018), Gomes (2019) e Gomes e Ataíde (no prelo). Cada subgênero da carta pessoal é caracterizado pelo propósito comunicativo e pela relação entre interlocutores envolvidos na interação. De modo que, o papel social entre o remetente e destinatário, que pode variar de acordo com o subgênero da carta, influenciará no nível de (in)formalidade e na natureza da comunicação.

Com isso, cada carta possui uma característica temática específica que se alinha com o subgênero ao qual é pertencente. Essas características não são apenas reflexos dos temas abordados, mas também das diferentes formas de se comunicar que são adotadas para atender ao propósito comunicativo desejado pelos missivistas. Assim, ao analisarmos uma carta, é possível identificarmos como ela se encaixa em um subgênero específico com base na combinação de seu propósito, temática, interlocutores e contexto comunicativo. Cada subgênero, portanto, oferece uma maneira de interagir, moldando a comunicação de acordo com as necessidades e circunstâncias específicas dos missivistas envolvidos.

Dessa forma, colocado como um gênero textual que tem como objetivo principal estabelecer uma comunicação direta e efetiva entre o remetente e o destinatário, o gênero da carta abrange uma variedade de subgêneros que desempenham papéis específicos e distintos. Cada subgênero apresenta uma abordagem diferente para expressar sentimentos, preocupações ou informações, refletindo a proximidade ou distância comunicativa que existe entre o remetente e o destinatário, demonstrando como a mesma forma textual (macroestrutura) pode ser utilizada para atender a diferentes propósitos comunicativos.

Na carta de amor, por exemplo, predomina a temática amorosa com o propósito de expressar sentimentos românticos e demonstrar afeto, é uma interação que ocorre em um contexto amoroso. A carta de amor é caracterizada por uma linguagem informal, composta por um discurso amoroso, com a intenção de expressar o amor e a saudade sentida entre os escreventes. O discurso é carregado por elogios, lembranças compartilhadas entre o casal, promessas amorosas, planos futuros e expressões intensas de emoção, como demonstra os exemplos (9; 10; 11; 12).

9) J., meu amor: Foi grande minha alegria quando recebi sua amável cartinha e com a máxima urgência dedico-me a respon-dê-la (...) Espero sua chegada, venha mesmo, e também aguardo as fotos. Com muita, muita, muita vontade de te ver, despe-ço-me. Muitos beijinhos, com carinho: Sua C. R. de S. G. (carta 05- CJ-06-08-1974)

10) Terça-feira proxima, então, responderei a tua cartinha, de hontem, que, | segundo meu modo de vêr e os conceitos nella omittidos, será da | minha franca e fiel resposta que resultara a tua cathegorica decisão | a effectivação da minha maior felcidade: || Têr-te como minha esposa adorada. || Até amanhã minha noivinha. Não esquece o louco amor do teu, só | teu || Nelsinho (carta NF 01, 1925)

11) Estou preso, ap- | proima-te da gaiola. Quero, não | beliscar teu dedo | como teu vivio; | quero beijar –te | nos seios, nos | olhos, na boc- | ca, quero beijar- | te loucamente, furiosa | mente, como | quem deseja sorver-te em bei- | jos e em bei- | jos finar-se com- [fol. 1v] tigo. || Não tenhas medo, | minha febre não | é paludismo, é lou- | cura por ti. ||

Vem ver-me | e olhar muito | para mim. || Não te esque- | ças de que é com | as linhas de teus braços e com a | cor de teus olhos | que minha alma | vai todos os dias | desenhando o seu ide- | al. (carta AO 16, 1908)

12) Também só| sinto que vi-| vo pela sau-|dade que me | faz chorar (AO 20, 1912)

Já nas cartas de amigo, a temática se refere a assuntos políticos e profissionais, com o propósito de fortalecer os laços entre os amigos, como também de compartilhar experiências pessoais e profissionais. As cartas de amigo são caracterizadas por um tom casual e respeitoso, contendo assuntos sobre histórias vividas, conselhos amigáveis, atualizando o interlocutor sobre os acontecimentos e sobre lembranças compartilhadas com a finalidade de manter ou fortalecer os laços de amizade, como demonstrado nos exemplos (13; 14; 15; 16).

13) Meu caro Paranhos, || Quero ter o prazer de apresentar-lhe| 2 amigo desembargador| Domingos Alves Ribeiro (carta JN 15, 1904).

14) Voce não ia de acreditar, e entre- | tanto é a verdade, que eu agora ando | mais quebrado do que sempre andei || Como você me autorizou a faser | aquelle negocio com o *Doutor* Lourenço | Cavalcanti até por cinco contos de | reis e elle, por minha intervenção | me fará por três contos, penso que você [Folha 2r] não estranhará que eu lhe peça | para dar-me um conto de reis | de que muito careço. || Muita gente suppõe que um | governador de Estado anda sem- | pre com o dinheiro de que precisa, | mas eu, como lhe disse, nunca | andei tão quebrado, isto explica | o meu pedido e me desculpará || Assim. *Amigo* (carta MB 01, 1916).

15) Acabo de ler os versos do seu|[ilegível] poema “A morte da Aguia” | e venho felicitá-lo pela grandeza | do mytho que o Sr. creou (carta JN 14, 1903).

16) espero de ti é que me arranjes [fol.1r] com toda a sua influência publica e | privada uma cama para descansar em Phi- | ladelphia (carta JN 3, 1876).

Enquanto nas cartas de família, os temas abordados estão relacionados ao estudo de um filho(a), a pedidos de favores, além do aviso do envio e recebimento de dinheiro, com o propósito de manter e fortalecer os laços familiares, além de compartilhar notícias ao levar atualizações sobre outros membros da família, sobre os eventos familiares e de expressar preocupação com um ente familiar. Com um tom afetuoso e expressando cuidado, a carta de família pode variar o traço de (in)formalidade dependendo do grau de proximidade entre os missivistas, como demonstrado nos exemplos (17; 18; 19; 20).

17) Goyana 16 de março de 1923 || Rita, || Recebi sua cartinha muito| pequenininha muito laconica| mas mesmo assim me deu| muito praser. ||E a Elisa nem pequena nem| grande, não escreveu nada a | preguiçosa. || Naturalmente o Tico-Tico não| me deixa tempo mesmo estando| em ferias como está agora.|| Ha poucos dias mandei di-|nheiro para mãe que natural-|mente já comprou o trajeo e| sapatos que você precisa.|| Estou

com muita saudade| de todos e desejo de voltar.| Adeus. Abraços do Pae amigo. Borba.
(carta MB 05, 1923)

18) Mamãe || Abençoe este teu filho que muito a quer bem. || Recebi sua carta e a do China do dia 8 juntamente com | os jornais os quais muito agradeço. || Fiquei mais tranquilo por saber que voce já sarou. | Quando sentir dificuldade em escrever-me, peça empres- |do, por um pouquinho, os óculos do Papae; ele não se | zangará por isso. || Dê um abraço por mim na Ilda pelo dia 28, não escrevi | nem passei um telegrama porque deixei ahi o caderni-| nho em que tenho anotado os aniversarios de todos e | não os sei de cór. (...) (carta BB 01, 1941)

19) Minha irmã || Acabo receber comunicação de | Adelia, do falecimento de Carlos da | mesma molestia do nosso infeliz pae - | Eu ignorava que elle estivesse com a | molestia tão adiantada. Você avalei | a impressão que me causou semelhante | desgraça que lhe ferio. Minha irmã | Deus que lhe dê a coragem e resignação | precisas para você suportar semelhante | infelicidade. Estou tão impressionada | que não posso lhe escrever, mande me | dizer como se deo esse augmento rapido da | molestia. Quanta infelicidade em nossa familia. || Aceite de Emilia as mais verdadeiras | expressões de sentimento e dor pelo seo esta- |do, um abraço em todos seus filhinhos e | me escreva já. || Sua irmã e amiga (carta CAM 03)

20) Meu caro Alberto, || Muito obrigado pelo seu volume, cuja duplicata expedi ao meu a- | migo Rio Branco. || Eu tinha lido o exemplar do Dantas, de uma assentada, como o | C. de Laet. O Gaspar está muito penhorado com as sua palavras a | respeito delle. É inútil repetir-lhe quanto divirjo do seu ideal, | dos métodos Você é | um monarchista que não se conhece a si mesmo, ou por outra que to- | ma certos impulsos literarios de sua intelligencia por verdadeira característica do seu tempo. (carta JN 05, 1881)

Embora essas diferenças proporcionem uma visão e distinção geral entre os subgêneros da carta pessoal, assim como colocado por Silva (2018), é importante notarmos que as fronteiras entre os subgêneros podem, em determinados casos, incorporar no núcleo do texto mais de um propósito comunicativo, tratando não apenas de um único assunto. A temática e os assuntos abordados nas cartas dependerão da natureza e da relação entre o remetente e o destinatário, bem como do contexto e a finalidade comunicativa do missivista.

Em síntese, os temas abordados nas cartas de amor estão relacionados ao casal e ao sentimento sentido por ambos. Já nas cartas de amigo, os temas abordados estão ligados à política e a assuntos acadêmicos e profissionais. Enquanto nas cartas de família, os temas abordados pelos interlocutores estão relacionados a assuntos do cotidiano, além de envolverem um grande núcleo familiar, como: primo(a), tio(a), avô, avó, irmão/irmã, pai e mãe.

2.3 Traços de proximidade e distância comunicativa

A carta pessoal, além de carregar tradicionalidade e historicidade, também evidencia parâmetros comunicativos de proximidade ou de distância comunicativa entre os missivistas. Como apontado por Ramos (2017, p. 31), a partir de Proclo e Demétrio, a carta é “uma conversa entre duas pessoas separadas pela distância, ainda que, na imaginação de quem escreve, essa pessoa esteja à sua frente”. Os autores ainda apontam que a carta era tida como um gênero predominantemente oral, “por isso, deve ser escrita como se fosse em diálogo e, portanto, deve fazer uso do trato cotidiano e da linguagem familiar pelas expressões de carinho, respeito e trato cortês”.

Um outro ponto a ser destacado é a relação social estabelecida entre os missivistas. Apoiado nos estudos de Gomes (2019) e Gomes e Ataíde (no prelo), é possível entendermos que as cartas pessoais desempenham papéis distintos em termos de níveis comunicativos, que podem variar conforme a natureza da relação estabelecida entre os remetentes e destinatários. Esses níveis comunicativos podem ser categorizados em duas principais dimensões: proximidade e distância, dependendo do tipo de vínculo entre os indivíduos envolvidos na correspondência.

Quando as cartas são trocadas entre pessoas que mantêm uma relação de proximidade, como casais ou amigos íntimos, elas tendem a refletir uma comunicação mais direta, informal e afetuosa. Nesse contexto, a troca de cartas é marcada por uma maior abertura e compartilhamento de sentimentos pessoais, evidenciando uma relação simétrica em que ambas as partes têm igual importância e reciprocidade na comunicação.

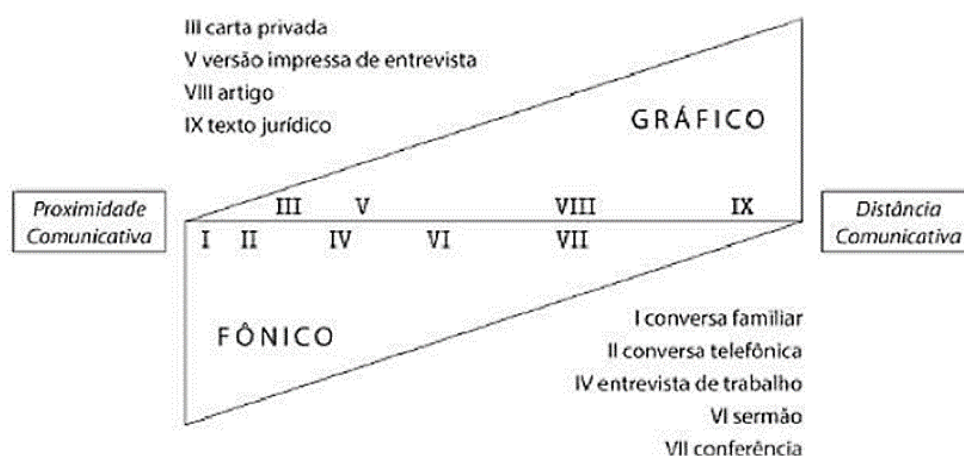
Por outro lado, as cartas que ocorrem entre indivíduos com relações assimétricas, como entre pais e filhos, por exemplo, podem demonstrar um padrão de comunicação diferente. Neste caso, a comunicação tende a ser mais respeitosa, refletindo a hierarquia e o respeito pela diferença de status social ou idade. A assimetria na relação influencia a forma como as mensagens são construídas e recebidas.

Essas distinções são evidenciadas pelas dinâmicas descritas por Brown e Gilman (1960), que exploram como as relações sociais e a estrutura de poder influenciam a forma e o conteúdo da comunicação escrita. Em suma, a carta pessoal é um meio adaptável que reflete a complexidade das relações humanas. Sobre isso, Silva (2002, p. 119) ainda afirma que:

os eventos do gênero carta são construídos numa relação simétrica, no que toca aos papéis comunicativos. E, no que diz respeito ao papel social dos interlocutores, como expus, as relações hierárquicas parecem não impor efeitos que lembrem um desequilíbrio ou diferença na interlocução. A simetria, do ponto de vista das posições comunicativas, decorre da natureza do contrato comunicativo implicado nas práticas comunicativas da carta pessoal, que, certamente, é dimensionado, dentre outros fatores, pelas injunções impostas pela atividade e finalidade social engendradas pelo gênero, pela natureza das relações interpessoais dos participantes e pelos interesses (objetivos) particulares dos envolvidos no processo interativo.

Para tanto, nesta subseção, nos detemos a analisar os traços de proximidade/oral e de distância/escrita na construção do gênero carta pessoal com base no estudo realizado por Koch e Oesterreicher (2013, p. 160), em que a proximidade comunicativa está mais próxima da informalidade, enquanto a distância comunicativa está mais próxima da formalidade, e podem ocorrer tanto na fala quanto na escrita.

Esquema 4: Contínuo da proximidade à distância comunicativa



Fonte: Longhin (2014, p. 51)

Como observado no esquema 4, há dois eixos: o gráfico (letrado/escrito) e o fônico (oral/falado). O gênero carta pessoal (III) encontra-se na polaridade da proximidade comunicativa, isso, por estar mais próximo do nível fônico (oral/falado). Ao contrário do texto jurídico (IX), por exemplo, que possui uma distância comunicativa maior, por apresentar mais parâmetros representativos do polo (gráfico/escrito).

Koch e Oesterreicher (2007, *apud* Goh, 2012, p. 117) afirmam que as condições comunicativas estão associadas a um maior ou menor grau paramétrico de:

- a) grau de publicidade – o número de interlocutores, a existência de um público e o nível de importância do texto;

- b) grau de familiaridade entre os interlocutores – depende do nível de conhecimento entre os interlocutores e o conhecimento prévio dos mesmos;
- c) grau de envolvimento emocional – estabelecido pelo interlocutor (afetividade) e ou pelo objeto da comunicação (expressividade);
- d) grau de ancoragem dos atos comunicativos na situação e na ação;
- e) campo referencial – a relação que se estabelece entre o distanciamento dos objetos e pessoas referidos com a origem do falante;
- f) imediatez física dos interlocutores – comunicação face a face em relação à distância física no sentido espacial e temporal;
- g) grau de cooperação – mede as possibilidades de intervenção dos receptores no momento da produção do discurso;
- h) grau de dialogicidade – possibilidades e frequência;
- i) grau de espontaneidade da comunicação;
- j) grau de fixação temática.

Ao analisarmos as cartas pessoais, observamos que a proximidade comunicativa é evidenciada em várias seções, principalmente na saudação, na captação de benevolência, que ocorrem na abertura da carta, bem como na seção de despedida, localizada no fechamento da missiva. Esses elementos estruturais da carta pessoal não apenas introduzem e concluem a interação entre os missivistas, mas também desempenham um papel importante para a manutenção dos papéis sociais entre os interlocutores, como é possível observarmos nos exemplos a seguir:

- **Carta de amigo**

Abertura

21) Arnaldo, **meu grande amigo**, | **Estava em falta contigo**, | Por não poder te escrever, | Mas não foi por pouco caso,| Ao contrario, o grande atrazo| Foi bem contra o meu querer || Foi a causa deste mal,| A minha vida actual (...). (carta AG 01, 1922)

Fechamento

22) **Teo sempre o mesmo** || Joaquim Nabuco. (carta JN 6, 1882)

- **Carta de família**

Abertura

23) **Minha querida mãesinha**. || Recebi e podes avaliar bem a **mi- | nha alegria ao ler a sua cartinha** (...). (carta WO 11, 1916)

Fechamento

24) Termino man-[[fol. 3v] **dando o papai, zizinho, mui- | tos beijos** dos que lhe mando. **Sua filhinha Carinhosa** Maria Arthur Fragoso da Silva (carta AO 9, 1900)

- **Carta de amor**

Abertura

25) **Querida C. Escrevo lhe esta missiva cartinha** desejando que a mesma ti encontre com saude e felicidade. C. como vai você bem, que tal da festa gostou eu gostei até de mais tudo fiz pra ir esta festa e para mim foi ótimo e senti que você também gostou (carta 06, JC,1975)

Fechamento

26) Obrigado por tudo. **um beijo, um abraço**, felicidades e que Deus resolva nossas vidas. **Sua de ontem, hoje e de sempre, acontecendo que acontecer:** C. R. (carta 11, CJ,1975)

Seguindo a discussão realizada por Silva (2018), Gomes (2019) e Gomes e Ataíde (no prelo), na abertura das cartas, em especial, a saudação e a captação de benevolência são fundamentais para observarmos os traços de proximidade comunicativa. Estas seções frequentemente incluem tratamentos informais e afetuosos. A partir dos exemplos, notamos que a saudação inclui formas de tratamento que refletem a intimidade e o carinho entre o remetente e o destinatário. Expressões como "Querido(a) [nome]" ou "Meu grande amigo" são exemplos de como a saudação transmite uma sensação de proximidade e de envolvimento emocional. O uso de diminutivos, como "queridinho(a)", "amorzinho(a)", ou "filhinho(a)" também é uma forma de comunicação que transmite uma proximidade comunicativa. Esses termos ajudam a estabelecer familiaridade, reforçando o papel social entre os missivistas.

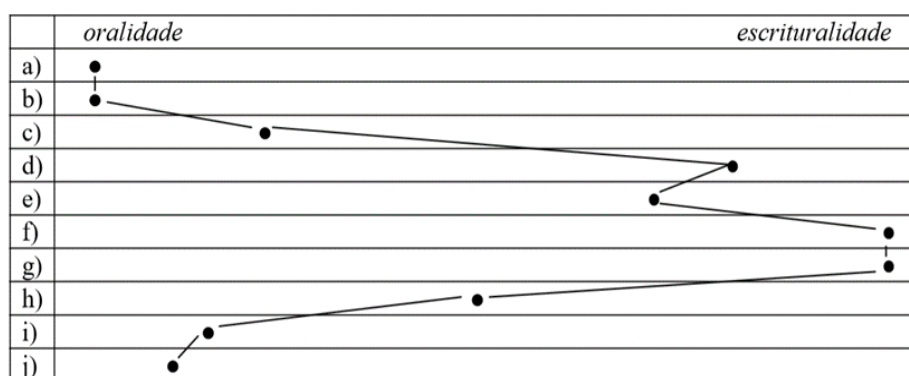
A captação de benevolência, parte constitutiva da carta pessoal, revela construções para informar o recebimento ou a escrita de uma carta, expressando espontaneidade e afetuosidade no discurso epistolar, como “Escrevo lhe esta cartinha” ou “Recebi e podes avaliar bem a minha alegria ao ler a sua cartinha”; ainda é comum encontrarmos construções desejando que a carta encontre o remetente em bom estado e gozando de boa saúde.

Já no fechamento da carta, a despedida e a assinatura reforçam os traços de proximidade comunicativa da carta pessoal, frequentemente apresentado por construções usadas para se despedir, refletindo a afetuosidade entre os missivistas a partir de expressões como “muitos

beijos” ou “um beijo, um abraço” ou ainda “Sua de ontem, hoje e de sempre” ou “Teo sempre o mesmo”, que são comuns no discurso epistolar e ajudam o destinatário a transmitir sentimentos de carinho e afeição, refletindo a relação íntima entre os interlocutores.

Esses elementos mostram como a proximidade comunicativa se concretiza nas cartas pessoais, criando um ambiente de comunicação que é simultaneamente íntimo e informal. A análise dos excertos das cartas ilustra que, independentemente do subgênero específico, a comunicação escrita mantém valores paramétricos de proximidade (Koch; Oesterreicher, 2013), reforçando a conexão emocional e pessoal estabelecida entre os remetentes e destinatários. Dessa forma, de acordo com o *continuum* de proximidade e distância comunicativa, entendemos que a carta pessoal, em todos os três subgêneros, situa-se, em sua grande parte, mais próximo do fônico (oral/falado) do que do gráfico (letrado/escrito), como ilustrado por Costa e Simões (2015):

Esquema 5: Valores paramétricos comunicativos da carta pessoal



Fonte: Koch e Oesterreicher (1997 apud Costa; Simões, 2015, p. 164)

Observamos ainda que a escrita de cartas pessoais geralmente apresenta um grau de espontaneidade e naturalidade que se assemelha à conversa falada (Gomes, 2019). Isso se reflete na forma como os sentimentos e pensamentos são expressos de maneira direta e quase que imediata, como em uma conversa face a face. Essa proximidade com o registro fônico permite, portanto, que a carta pessoal mantenha a intimidade e a conexão familiar e emocional entre os interlocutores.

Em suma, a partir do banco de dados do LEDOC realizamos a análise estrutural, temática e sobre os valores paramétricos de proximidade comunicativa presentes na carta pessoal. Na próxima seção adentramos na análise das cartas do jovem casal N e Z, mais especificamente, sobre a macro e a microestrutura das cartas de amor do casal.

SEÇÃO 3 - POR UMA HISTORICIDADE DAS CARTAS DE N E Z

Tava com um cara que carimba postais
 E por descuido abriu uma carta que voltou
 Levou um susto que lhe abriu a boca
 Esse recado veio pra mim, não pro senhor
 Recebo crack, colante, dinheiro farto, embrulhado
 Em papel carbono e barbante até cabelo cortado
 Retrato de 3 x 4 pra batizado distante
 Mas isso aqui, meu senhor, é uma carta de amor

Cássia Eller (1994)

Como reconhecer uma carta de amor? Quais características são intrínsecas a esse gênero? Diante desses questionamentos, a discussão realizada nesta seção consiste em analisar a dimensão estrutural e temática das cartas de amor, revelando uma prática sociocomunicativa à distância. De modo a discutirmos traços tradicionais característicos de cartas amorosas por meio da troca de missivas realizadas por N e Z. No item 3.1 *A dimensão da macroestrutura*, analisamos os elementos que compõem a estrutura das cartas escritas pelo casal pernambucano com a finalidade de observarmos se as cartas escritas pelas mãos inábeis de N e Z seguem a tradição epistolar. Enquanto na seção 3.2 *A dimensão temática*, investigamos a tradição temática, além de construções formulaicas, que são recorrentes nas cartas amorosas do jovem casal.

3.1 A dimensão da macroestrutura

A carta pessoal é uma forma de comunicação à distância que incorpora elementos da retórica clássica, tais como a saudação, a captação de benevolência, a narrativa, o pedido e a conclusão. Esses traços refletem a influência da tradição das *ars dictandi*, a arte de redigir documentos e cartas (Ramos, 2017). No âmbito deste estudo, focamos na análise das cartas de amor trocadas entre N (a noiva) e Z (o noivo), a fim de identificarmos os elementos composicionais e a função sociocomunicativa que estão presentes nas cartas trocadas pelos missivistas. Diante disso, verificamos como as cartas amorosas revelam as diferentes formas sobre como os missivistas expressam sentimentos e compartilham experiências sentidas e vividas, construindo ou mantendo laços emocionais através de textos historicamente construídos.

3.1.1 Abertura

A primeira característica revelada nas cartas do jovem casal sob a “humilde e fraca Pena” é a descrição do local e a data em que foi escrita a missiva, uma tradição discursiva que proporciona ao destinatário uma compreensão do contexto temporal e espacial da carta, facilitando a resposta e a continuidade da interação, assegurando que Z estava em Recife, enquanto N em Goiana.

27) Recife Pernambuco em 27 de 8 de 1949 (carta 09, ZN, 1949).

28) Goiana, 21 de Maio de 1949 (carta 01, NZ, 1949).

Outro traço constitutivo da carta de amor do jovem casal pernambucano é a saudação, tradição que é constituída por um vocativo e pela construção formulaica destacada pelo uso da expressão "paz do Senhor".

29) Querido Z. paz do Senhor (carta 01, NZ, 1949).

30) Z paz do Senhor (carta 14, NZ, 1950).

31) Queridinho paz do Senhor (carta 18, NZ, 1950).

32) Querida N. a paz do senhor (carta 01, ZN, 1949).

33) Qeuridinha N. a paz do Senhor (carta 17, ZN, 1949).

34) N. a paz do Senhor (carta 29, ZN, 1950).

A saudação, elemento tradicional nas cartas pessoais e presentes nas cartas amorosas de N e Z, é formulada pelo grau de intimidade entre o remetente e destinatário. A fórmula “a paz do Senhor” é um modo tradicional de dizer, uma expressão formulaica de um determinado grupo religioso, especificamente usada entre membros da comunidade protestantes como forma de saudar o outro. Essa fórmula empregada pelo casal aponta para uma prática recorrente da oralidade que é transpassada para o papel com a finalidade de expressar ao interlocutor que ele esteja com a paz divina. Enquanto o vocativo é a parte da missiva em que os interlocutores se dirigem diretamente à pessoa a quem a carta é destinada. Conforme colocado por Melo (2021), o vocativo também revela o envolvimento emocional entre os interlocutores, além do nível de proximidade com o uso do “querida/querido” e do diminutivo “queridinha/queridinho”. Dessa

forma, com o uso do vocativo é possível observarmos um tom afetivo e pessoal entre o casal pernambucano.

Já a captação de benevolência é empregada como uma forma de contato inicial entre os escreventes. Nessa tradição, identificamos que é comum ao casal de missivistas, por meio da “mau atrasada linha”, confirmar o recebimento de cartas aos seus interlocutores, de também manifestar saudades sentidas e de relatar a escrita de mais uma “adoraveu cartinha”.

35) N. vou por mais destas mau atrasada linha responder a tua adoraveu cartinha| e tambem darte as minha nuticias (carta 10, ZN, 1949).

36) N. venhor por meio destas mau trasada linha | As minha nuticias que estou bem di Saude graça au| Nosso bom Deus. || Minha qeurida as Saudades qeu eu Sinto longe di ti| So Deus Sabe porqeu tu bem sabe qeum ama longe| Sofre muito não é. (carta 18, ZN, 1950).

37) Z. profunda saudades me| rodeim no momento em que estou| a trocar-te estas rusticas linhas| gozando saúde paz e felicidade. (carta 05, NZ, 1949).

38) Z. recebi sua cartinha com a| qual muinto me alegrei fiquei bastante| satisfeita (carta 09, NZ, 1949).

39) É, com o coração cheio das maiores alegria | Que venho por meio desta simples pala- | vra responder a tua cartinha que veio| Me encher de alegria no momento em que| tenho as minhas mãos que li e reli me | sentindo feliz porque era mesmo que | esta vendo-te. Z (carta 01, NZ, 1949).

40) E cum o coração cheio de saudade| Em que [*inint.*] com minha humilde e fraca| Pena darte as minhas noticias (carta 03, ZN, 1949).

Como aponta Lopes (2011, p. 369), a captação de benevolência visa “captar a boa vontade do destinatário com o teor da carta e garantir que o contato seja mantido com eficácia em futuras trocas de correspondência”. O casal pernambucano, por meio dessa seção, busca captar a boa vontade do interlocutor, criando um espaço de cortesia entre os correspondentes e reforçando o valor da troca e escrita das cartas de quem tem o “coração cheio das maiores alegria”.

3.1.2 Núcleo do texto

O corpo da carta é identificado como o núcleo, local em que os missivistas revelam o real motivo da escrita por meio dos temas discutidos entre os interlocutores. Ou seja, o corpo da carta é a parte principal, é o espaço em que o remetente desenvolve os assuntos que deseja tratar com o destinatário.

Nessa seção da carta do casal N e Z encontramos narrativas pessoais, revelando os acontecimentos e eventos do cotidiano que o remetente deseja compartilhar com o seu destinatário. Nas cartas de amor de N e Z, essa seção também é caracterizada por uma relação afetuosa, com trocas de carinho, reforçando a relação estabelecida por meio de palavras escritas.

41) Z. tamben quero lhe fazer sient | que sou esforcada ir a viagem de | Ca[m]pina Grande porque os hinos | docorô são de solo e se eu não for o côro | não pode cantar os solos quem vai | fazer é eu e a solista irei com | muita tristeza porque você não | vai (carta 17, NZ, 1950).

42) N. voser mim pede que eu va no dia 17 não e bem serto| [fol. 1v] porque eu já asertei a viagem com irmão carneiro para ir no domingo mais eu vou ver| o que e que faça eu vou dizer a irmão carneiro que procure outro passageiro para meu| luga e vou ver si posso ir no sabado mesmo. (carta 07, ZN, 1949).

43) N. da minha parte agora eu estou um pouco doente| muito reifriado mais tenho fer em Deus que ele vai mim| coura hora por mi neste ponto viu. (carta 09, ZN, 1949).

44) irei agora | mesmo a condado ja estou | muito aborecida daqui | irei passar de 8 a 15 dias em | Condado eu ia a semana pas-| sada mas não quiz ir sem | lhe dizer sei que você não || vai ficar com raiva de mim (carta 20, NZ, 1950).

45) N. Ninia Carneiro envia a paz e muita| lembrança i um a braço e lurde tambem viu. (carta 13, ZN, 1950).

O pedido também está presente nas cartas do casal N e Z, especialmente no corpo do texto para que o destinatário escreva mais cartas, para solicitar orações ou pedir desculpas pelas “rusticas linhas” de “qeum ama longe”.

46) ora| por mim para que Jesus mi batize tambem viu (carta 13, ZN, 1950).

47) N.| Não ti esqueze di ora por mi[m] para| Que Deus mi a bençois viu (carta 03, ZN, 1949).

48) lembrasi di mi Nas tuas oração (carta 13, Z-N, 1950).

49) E voser peso que não se esqueça de mi nas suas| oração pois eu nesecito muito (carta 18, NZ, 1950).

50) desculpe as letras (carta 07, NZ, 1949).

51) não ti esqueze di escrever Para mi não (carta 2, N-Z, 1949).

3.1.3 Fechamento

O fechamento da carta é um momento em que os missivistas combinam dois elementos: a despedida e a assinatura, como exposto nos exemplos (51), (52), (53) e (54); cada qual carregando a sua função e a importância dentro do contexto da comunicação à distância. A despedida, que antecede a assinatura do remetente, é mais do que uma formalidade: é uma expressão de respeito e consideração pelo destinatário. A escolha dos elementos linguísticos na construção da despedida pode variar de acordo com o grau de intimidade entre as partes envolvidas, desde modos mais formais, como "Com estima", até expressões mais íntimas e pessoais, como "Com todo meu amor" ou "Com carinho", a despedida reflete não apenas uma parte do protocolo da correspondência epistolar, mas também revela o afeto e a proximidade emocional entre o remetente e o destinatário.

Por outro lado, a assinatura do remetente ao final da carta desempenha um papel crucial na autenticação do conteúdo expresso na missiva. É através da assinatura que o remetente não apenas identifica-se ao seu destinatário, mas também valida a veracidade e sinceridade das linhas escritas. Essa assinatura não é apenas um nome, a assinatura representa na missiva uma forma de selar, de autenticar e confirmar o que foi dito na missiva ao seu remetente.

Assim, o fechamento da missiva não é apenas uma formalidade estrutural da carta, mas um momento importante dessa interação à distância. O fechamento não apenas revela o fim da mensagem escrita, mas também os sentimentos, as intenções e as relações sociais estabelecidas entre os envolvidos. De modo que, tanto a despedida quanto a assinatura são elementos essenciais que complementam a comunicação através das cartas.

52) N fico nas maiores auzencia tua quem| ti amar é teu fiel. (carta 06, ZN, 1949).

53) Ficando nas maiores auzencia di ti o| seu noivo J. R. B. (carta 12, ZN, 1949).

54) Nada mas tua noiva que| tanto te estima|| N (carta 10, NZ, 1949).

55) tua fiel noiva|| [espaço] N.

A seção de despedida representa o desfecho da carta, indicando a relação entre os escritores. Na carta de amor de N e Z essa seção inclui a fórmula, por exemplo, "seu noivo" e "tua noiva", atestando o compromisso estabelecido socialmente. As cartas ainda denotam a fidelidade e compromisso proposto entre o casal com "tua fiel noiva" e "teu fiel". Sobre a

assinatura, como revela Silva (2018, p. 108), “dá indícios da relação mantida entre os interlocutores. É comum encontrarmos nas assinaturas palavras ou expressões que revelam o grau de contato entre os participantes da situação comunicativa”.

Os exemplos seguintes revelam a insegurança dos missivistas com a escrita de cartas, seja pelo traçado da letra, pelo papel, pelos borrões e rasuras ou pelos erros na escrita:

56) Desculpe as letras e os borrão (carta 01 NJ, 1949)

57) Desculpe os erros e as letas (carta 03 NJ, 1949)

58) a pena esta pesima e está chuvendo minto o papel esta borando minto. desculpe porque a caligrafia esta pecima (carta 05 NJ, 1949).

59) Desculpe os erros de caligrafia (carta 09 NJ, 1949)

60) desculpe os borrões e a mal caligrafia pois esta pecima (carta 11 NJ, 1949)

61) Desculpe as letras e o papel pois estou muinto avechada (carta 20 NJ, 1950)

62) Discupa os erro (carta 04 JN, 1949)

63) descupe os erro e o papel porque e muito vaixame De outra vez vai melhor viu (carta 05 JN, 1949)

Apesar da insegurança quanto às “letras e os borrão”, identificamos que as cartas de amor de N e Z, mesmo construídas por mãos inábeis, preservam os elementos constitutivos da retórica clássica e que o temor expresso nas missivas está associado ao traçado da letra e aos erros, ou seja, à caligrafia e à ortografia e não aos elementos que compõem a macroestrutura da carta, a organização das ideias expressas nas missivas ou sobre a expressão dos sentimentos. A seguir, observamos os temas abordadas pelo jovem casal a partir da dimensão temática das cartas.

3.2 A dimensão temática e a tradição do discurso amoroso

A carta pessoal, como visto, aborda uma variedade de temas, desde acontecimentos cotidianos até reflexões sobre as relações pessoais, política e familiares. Embora haja uma estrutura comum entre os subgêneros, a carta pessoal se adapta à individualidade do remetente e destinatário e ao contexto comunicativo, podendo ser classificada como carta de amor, de amigo e de família. De modo que, cada subgênero atende a propósitos específicos e a diferentes

situações e relações estabelecidas. A escolha do subgênero é então guiada pela natureza do relacionamento entre remetente e destinatário, bem como pelo contexto e pelo propósito da correspondência.

Diante das cartas analisadas, a dialética peculiar das cartas de amor, conforme elucidada por Barthes (2018), revela a complexidade dessas correspondências. A dualidade entre a codificação do escrito e a expressividade do sentimento repleto de significação cria uma dinâmica única no discurso dos enamorados. As palavras regidas sob a mão dos missivistas apaixonados tornam-se veículos de um sentimento profundo, sendo mais do que um simples código regido por convenções. De modo que, as cartas de N e Z revelam a temática amorosa ao exalar na escrita do jovem casal de noivos o desejo, a fraqueza, o sofrimento e tristeza, a saudade, o cuidado e a dedicação.

Para tanto, partimos dos estudos realizados por Barthes (2018) e Santana (2019) ao traçarmos os temas abordados nas cartas amorosas do casal pernambucano. Para Barthes (2018), o amor irá figurar como linguagem, ou seja, no e pelo discurso conseguiremos identificar o sentimento amoroso revelado nas cartas. Enquanto o estudo realizado por Santana (2019), que aborda a conceptualização do amor romântico. Com isso, traçamos, a partir do sentimento descrito nas missivas, a caracterização dos temas abordados nas cartas amorosas de N e Z.

3.2.1 Desejo

Ao longo da história, a troca de cartas amorosas tem desempenhado um papel significativo para a manutenção de relacionamentos íntimos. A escrita cuidadosa e sincera dos casais apaixonados permite com que os amantes expressem seus sentimentos de uma maneira que vai além das limitações impostas pelo contexto da época diante de uma comunicação privada e do cotidiano. Assim, as cartas amorosas não são apenas registros escritos, mas testemunhos vividos de como o desejo pode fortalecer os laços afetivos entre N e Z.

O desejo está presente em vários contextos, incluindo o romântico. No contexto amoroso das cartas de amor de N e Z, o desejo assume a forma de alimentar a busca pela presença e pela proximidade do outro, na tentativa de expor as vontades e anseios de estar com o ser amado, como demonstra o exemplo (64):

64) **quem ama o desejo é sempre viver juntinho** mais nós temos que se conformar com esta tão grande ausencia (carta 09, N-Z, 20/10/1949).

No contexto amoroso das cartas de N e Z, o desejo assume uma vontade “de se reunir à sua metade perdida e se fundir com ela, formando um todo” (Borges, 2004, p. 9). É através dessas cartas que o casal alimenta a esperança de um dia estarem juntos novamente ao descrever suas ânsias pela presença física e pela proximidade do outro. Cada palavra escrita visa transmitir a intensidade do amor e o anseio de estarem juntos. Dessa forma, as cartas amorosas de N e Z não apenas narram assuntos do cotidiano, mas também funcionam como uma forma de compromisso mútuo entre o casal, pois cada linha traçada reflete o desejo por um futuro compartilhado e o desejo de fortalecer o vínculo que une o jovem casal.

Portanto, nas cartas de N e Z, o desejo não é apenas uma emoção passageira, mas um sentimento que une a escrita apaixonada do jovem casal pernambucano, transcendendo a distância física ao esboçar o desejo pelo outro por meio da escrita de cartas.

3.2.2 Fraqueza

A fraqueza figurada nas cartas de N e Z, é expressa por quem ama. Dessa forma, a fraqueza seria uma extensão do amor, podendo a fraqueza ser interpretada de diversas maneiras, mas revelando visões distintas: ora a fraqueza pode ser entendida como medo de perder a pessoa amada, ora como comprometimento em prol do relacionamento.

65) não repare **minha fraqueza pois isto é de quem ama** e muito (carta 08, N-Z, 29/09/1950).

Em primeiro lugar, a fraqueza pode ser vista como um medo sincero de perder a pessoa amada. O discurso amoroso pode revelar fraqueza mediante a circunstância enfrentada pelo casal devido a distância e, por esse motivo, a possibilidade de haver uma ruptura. Esse sentimento não apenas revela a profundidade do discurso amoroso que ambos compartilham, mas também a fragilidade diante das incertezas.

Por outro lado, a fraqueza também pode ser interpretada como um comprometimento em prol do relacionamento. Ao expressarem suas emoções, N e Z demonstram disposição e comprometimento um com o outro, superando o sentimento de fraqueza diante do contexto em que se encontram.

Portanto, nas cartas de N e Z, a fraqueza é vista como mais um dos sentimentos que compõe o discurso amoroso. Através das linhas escritas por N e Z a fraqueza é apresentada como a causa do amor, havendo uma concepção de que a fraqueza é de quem ama.

3.2.3 Sofrimento e Tristeza

Dentro do contexto amoroso das cartas de N e Z, o sofrimento e a tristeza são apresentados por consequências dos desafios enfrentados em sua relação. A partir dos exemplos expostos, é possível identificarmos que o discurso amoroso também reflete os sentimentos e dificuldades expressas pelo casal diante da distância física e das dores de quem ama.

66) **quem ama sofre** você deve saber com é este sofrimento (carta 08, N-Z, 29/09/1950).

67) Porque tu bem saber que eu **longe di ti a minha vida decorrer triste** (carta 01, Z-N, 11/06/1949).

O sofrimento manifestado nas cartas é uma prova do que é o amor sentido pelo casal, pois “quem ama sofre” (66). Cada palavra escrita é uma tentativa de manifestar o desejo de estarem juntos, de superar o sentimento de sofrimento e de fortalecer seu compromisso um com o outro. Enquanto a tristeza que permeia as linhas escritas pelo casal não é apenas uma manifestação de tristeza, mas também uma expressão de esperança de estarem juntos novamente, pois longe do ser amado a vida é triste (67).

3.2.4 Saudade

Como colocado por Santana (2019), o amor é essencial para que a saudade surja, estabelecendo assim uma relação de que a saudade é consequência direta do amor sentido pelo sujeito. Dessa forma, não há apenas a saudade, mas a saudade por sentir amor por uma outra pessoa.

68) Ao pegar na pena para te transmitir estas linhas **sinto meu coração tranpacado de saudade longe da pessoa que mas amo** na minha vida você (carta 11, N-Z, 17/02/1950).

A saudade expressa nas cartas amorosas revela um anseio profundo pela presença física do ser amado, como colocado no exemplo (68), que, mesmo diante da distância entre os interlocutores, é possível observarmos como a saudade se torna um elemento para o fortalecimento de laços entre N e Z. A distância física entre o casal, descrita nas cartas, aponta

para um discurso carregado de saudades e da vontade de estarem juntos novamente. Dessa forma, o sentimento de saudade nutre o sentimento amoroso ao destacar a importância da presença do outro.

3.2.5 Cuidado

O cuidado demonstrado nas cartas é enfatizado pela preocupação constante com o bem-estar um do outro. Essa atenção não é apenas uma demonstração de cortesia, mas sim um reflexo do compromisso mútuo e da dedicação para cultivar e fortalecer o amor sentido entre os missivistas mediante o relacionamento assumido por ambos.

69) Porque **Quem tem cuidado nua mor. é quem amar** quer bom não é. e por isso e que eu **não Posso deix di ter cuidado em vocer** (carta 01, Z-N, 30/07/1949).

A manutenção do amor através de atos de cuidado é evidente nas palavras expressar no exemplo (69). Podemos identificar que o cuidado abrange ações que visam confortar o interlocutor mesmo à distância. O comprometimento de N e Z em expressar seu amor e fortalecê-lo através do cuidado, como apontado em “Quem tem cuidado nua mor. é quem amar”, ou seja, quem ama cuida do ser amado.

Portanto, nas cartas de N e Z, o cuidado não é um ato isolado, mas uma expressão contínua do compromisso assumido, como colocado em “não Posso deix di ter cuidado em vocer”, fortalecendo o vínculo emocional entre os missivistas e na valorização do outro.

3.2.6 Dedicação

A dedicação nas cartas está marcada na entrega e comprometimento com o sujeito amado. A dedicação também é uma forma de nutrir o relacionamento por meio da troca de correspondências.

70) tenho pra zer em ti escrever ao mêsmo tempo mi acho com grande dôr em está auzente de ti **eu só nasci para ti amar** (carta 03, N-Z, 22/07/1949).

A dedicação expressa nas cartas não é apenas uma demonstração do amor romântico, mas também um compromisso contínuo com o sujeito amado. Fica evidente no trecho “eu só nasci para ti amar”, a entrega e o empenho dos sujeitos apaixonados. Dito isso, a entrega pelo outro, nas cartas escritas por N e Z, vai além do ato de comunicar, pois revela a expressão sincera de amor e do comprometimento assumido por ambos. Cada carta escrita representa um ato de devoção, um investimento emocional para o fortalecimento do vínculo entre eles. Essa

dedicação não se limita ao ato físico de escrever, mas também se estende à profundidade das emoções compartilhadas e à intimidade revelada através das palavras.

Portanto, na tentativa de comunicar o amor sentido pelo outro, as cartas de amor de N e Z transcendem as limitações estabelecidas socialmente. A escrita da carta assume uma outra dimensão ao ser preenchido pelo fervor do sentimento amoroso. Cada palavra, cada traço, torna-se um veículo carregado de intenções e anseios, refletindo a profundidade do amor vivenciado pelo jovem casal de noivos pernambucanos, pois a escrita de uma carta “era mesmo que esta vendo” o ser amado. De modo que, cada carta revela uma forma única de expressão ao fortalecer os laços emocionais e afetivos entre N e Z, mantendo uma tradição das cartas de temática amorosa.

Mediante a isso, ao compreendermos os elementos estruturais e a temática amorosa nas cartas trocadas por N e Z, podemos ampliar o nosso entendimento sobre o papel da comunicação pessoal à distância a partir da construção do gênero carta pessoal de temática amorosa, explorando a manutenção da interação entre os missivistas envolvidos, bem como a importância da preservação de registros históricos e culturais para uma investigação que se detenha à historicidade do texto.

SEÇÃO 4 - A CARACTERIZAÇÃO DAS MÃOS DOS REDATORES

No âmbito dos textos estão as marcas que revelam a capacidade de expressão escrita dos missivistas pernambucanos registrados nas cartas de amor. Para tanto, a realização desta análise indicará a dimensão de inabilidade na escrita dos missivistas, seguindo, como já mencionado, a proposta de caracterização realizada por Santiago (2019). De caráter qualitativo, a partir da amostra analisada, decidimos realizar um recorte, principalmente sobre os aspectos de escriptualidade e dos índices grafofonéticos, não abordando todas as dimensões propostas pela autora, e assim discutimos os seguintes aspectos:

a) Aspectos de escriptualidade:

- representação da nasalidade (representação exagerada e ausência da representação).

b) Pontuação.

c) Habilidade motora:

- *cursus*;

- empaginação;

- rasura.

d) Segmentação gráfica:

- hipersegmentação.

4.1 Aspectos de escriptualidade

Ao nos debruçarmos a análise de inabilidade, é importante ressaltarmos que no período de escrita das cartas realizadas pelo jovem casal pernambucano já existia uma norma gramatical vigente, assim como destacado por Santiago (2019, p. 106):

para os textos anteriores ao século XX, deve-se considerar a possibilidade das pluriortografias, no entanto, em relação ao século XX, quando a ortografia brasileira assume o “[...] caráter homogeneizante de prever uma única forma de escrever cada palavra” (BARBOSA, 2017, p. 41), o mapeamento da gradiência de habilidades e inabilidades de conhecimento das convenções do padrão gráfico se estabelece de forma mais direta.

Dessa forma, já no início do século XX, a norma gramatical no Brasil já era existente, mesmo passando por transições e estabelecimento mais claro das regras gramaticais, existindo a publicação de várias gramáticas normativas que buscavam estabelecer padrões para o “uso correto” da língua portuguesa no Brasil.

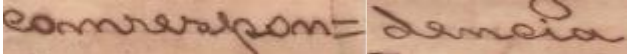
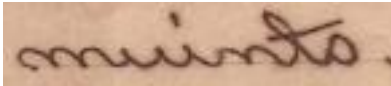
Segundo Barbosa (2017), a mão que possui pouca habilidade com a escrita está relacionada a casos de escriptualidade. O autor ainda defende que

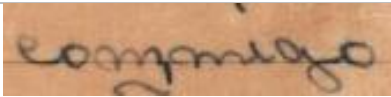
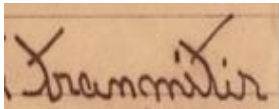
[a] inabilidade na escrita alfabética, portanto, não é, em si, questão histórica de língua, de oralidade, também não está relacionada à aquisição de língua falada ou, necessariamente, ao nível sócio-cultural do redator, refletindo usos mais ou menos vernáculos. De fato, as mãos inábeis dizem respeito a questões de escriptualidade, não de oralidade. Mesmo contando, dentre as marcas de inabilidade com a escrita fonética, o texto de um redator inábil não é reflexo direto desta ou daquela época, deste ou daquele lugar, mas, em grande parte de suas características, atemporais (Barbosa, 2017, p. 20).

Como colocado por Santiago (2019), a amostra de base grafo-fonética é mais um indício da dificuldade de execução da escrita, enquanto o plano da escriptualidade revela indícios categóricos para caracterização da mão inábil dos redatores. E por esse motivo, priorizamos para análise desta dissertação a dimensão da escriptualidade.

Os aspectos de escriptualidade na escrita inábil é revelado pelo erro na grafia de palavras diante o desconhecimento do escriba sobre a grafia correta. Frisamos que como os textos aqui analisados são cartas escritas na primeira metade do século XX, com uma norma vigente, como já mencionado, facilitará na identificação para a caracterização no plano da escriptualidade, pois apontará a falta de conhecimento do escrevente sobre a norma. Para tanto, no plano da escriptualidade, nos debruçamos sobre a análise da representação da nasalidade, seja por uma representação exagerada (quadro 6 e 7) ou pela ausência dessa representação (quadro 8 e 9).

Quadro 6 - Representação exagerada da nasalidade nas cartas de N (a noiva)

Dimensão	Missivista	Realização
Esriptualidade	N (a noiva)	 (carta 02, N-Z, 1949)
		 (carta 02, N-Z, 1949)
		 (carta 02, N-Z, 1949)

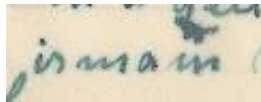
		 (carta 06, N-Z, 1949)
		 (carta 11, N-Z, 1950)

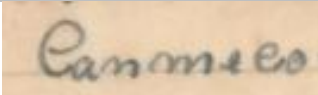
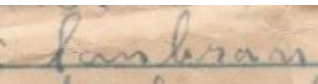
Fonte: elaborado pelo autor

Nas cartas do jovem casal há uma dificuldade com a representação da nasalidade, entretanto, como colocado por Santiago (2019), não está diretamente relacionada ao uso dos diacríticos (~), encontrado em apenas um caso: *irmam* por *irmã* (quadro 7); mas, de modo geral, os missivistas realizam a escolha de diferentes combinações para indicar nasalidade. Especificamente, a marcação de nasalidade realizada pelos missivistas se refere ao uso de combinações como <nm>, <mm>, <n> e <m> para representar sons nasais. Essa variação é vista como uma forma exagerada de representar graficamente a nasalidade na escrita ou de revelar marcas de oralidade, como é o caso nas cartas da noiva (quadro 6): *comrespondencia*, *muinto*, *commigo* e outros. Nas cartas do noivo (quadro 7), apesar de um menor índice, também identificamos essa representação exagerada: *irmam*, *commeco* e *lenbran*.

Em outras palavras, enquanto os diacríticos são símbolos adicionados às letras para indicar nasalidade, como em *irmã*, a questão abordada aqui é a escolha entre diferentes sequências de letras que substituem ou tentam simular a nasalidade. Essas representações gráficas alternativas podem refletir tentativas de adaptar a escrita à pronúncia percebida ou uma falta de familiaridade com as normas ortográficas, resultando em uma forma de representação que pode ser considerada excessiva ou imprecisa. Dessa forma, esses dados revelam índices grafofonéticos e indicam dados de dificuldade com a escrita.

Quadro 7 - Representação exagerada da nasalidade nas cartas de Z (o noivo)

Dimensão	Missivista	Realização
Esriptualidade	Z (o noivo)	 (carta 08, Z-N, 1949)

		 (carta 14, Z-N, 1949)
		 (carta 22, Z-N, 1950)

Fonte: elaborado pelo autor

Entretanto, a dificuldade com a representação da nasalidade nas cartas de N e Z não se restringe apenas ao uso excessivo de combinações de letras como <nm>, <mm>, <n> e <m> para indicar sons nasais, mas também revela a ausência da representação adequada da nasalidade (Ø). Com isso, a ausência da representação da nasalidade ocorre quando a escrita não utiliza os mecanismos ortográficos estabelecidos para indicar essa nasalização dos sons, como por exemplo. Quando esses sinais ortográficos são omitidos ou não aplicados corretamente, a nasalidade das palavras não é representada de maneira adequada na escrita.

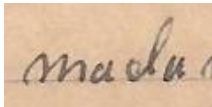
Quadro 8 – Ausência da representação da nasalidade nas cartas de N (a noiva)

Dimensão	Missivista	Realização
Esriptualidade	N (a noiva)	 (carta 02, N-Z, 1949)  (carta 03, N-Z, 1949)

Fonte: elaborado pelo autor

Dessa forma, a ausência pode resultar em uma representação imprecisa da pronúncia real das palavras, como vemos no quadro 8: siØcero (sincero) e em demoØstrano (demonstrando); e 9: maØda (manda), traØsborda (transborda) e traØsordo (transbordo), indicando a falta de familiaridade dos missivistas com as regras ortográficas, ou seja, um desafio na habilidade de aplicar as convenções ortográficas corretamente.

Quadro 9 - Ausência da representação da nasalidade nas cartas de Z (o noivo)

Dimensão	Missivista	Realização
Escriptualidade	Z (o noivo)	 (carta 05, Z-N, 1949)
		 (carta 12, Z-N, 1949)
		 (carta 15, Z-N, 1949)

Fonte: elaborado pelo autor

Em resumo, a dificuldade com a representação da nasalidade nas cartas inclui tanto o uso inadequado ou excessivo de combinações de letras para indicar nasalidade quanto a omissão de sinais ortográficos apropriados para representar sons nasais.

4.2 Pontuação

Santiago (2019), a partir de Barbosa (2017), afirma que a dificuldade em utilizar sinais gráficos de forma adequada é evidenciada pelo uso restrito a um número muito limitado de sinais, principalmente o ponto e a vírgula. A autora ainda aponta que

Essa é uma dimensão ainda não muito explorada em corpora históricos, no que se refere a sua relação com as mãos inábeis. Ressalta-se que, assim como ocorre com o plano da escrita fonética, a depender da época em que o texto foi produzido, a pontuação não deve ser considerada da mesma forma; para sincronias anteriores a uma maior normatização da escrita, por exemplo, deve-se reconhecer a possibilidade de variação, com tendências determinadas mais pela prosódia ou mais pela sintaxe (Santiago, 2019).

Como no período em que as cartas foram escritas havia uma norma a ser seguida, propomos esta dimensão de análise nas cartas de N (a noiva) e Z (o noivo) para identificarmos se há a ausência ou uso não convencional dos sinais gráficos nas cartas pernambucanas.

Imagem 3: A dimensão da pontuação na carta de N (a noiva)

Gaiana 29 de Setembro de 1949
 Querido Sr. - - - - - Sr. do Sandoz
 Eu ao fazer isto é para
 saber de você e de sua família. Você tem
 ciência muito mais que eu sobre quem amo
 faz muito mais que eu nunca amei
 a ninguém como se amo pois eu
 não compreendo nada. Passa
 horas e horas a escrever para
 isto não sei mais tanto
 agonia os seus olhos que estão
 diante do mesmo tempo quando
 é feita de tempo a escrever quando
 que estão escritos de mim mais
 não se me dá que não a
 trabalho para entender o que escrevo
 para mim está admirada
 porque não escrevo para mim
 não avalia quanto está
 afeta não é quem o direito de
 escrever para mim mais o amor
 faz tudo isto vai terminar
 vive amando

Fonte: Carta 08, N-Z, 1949

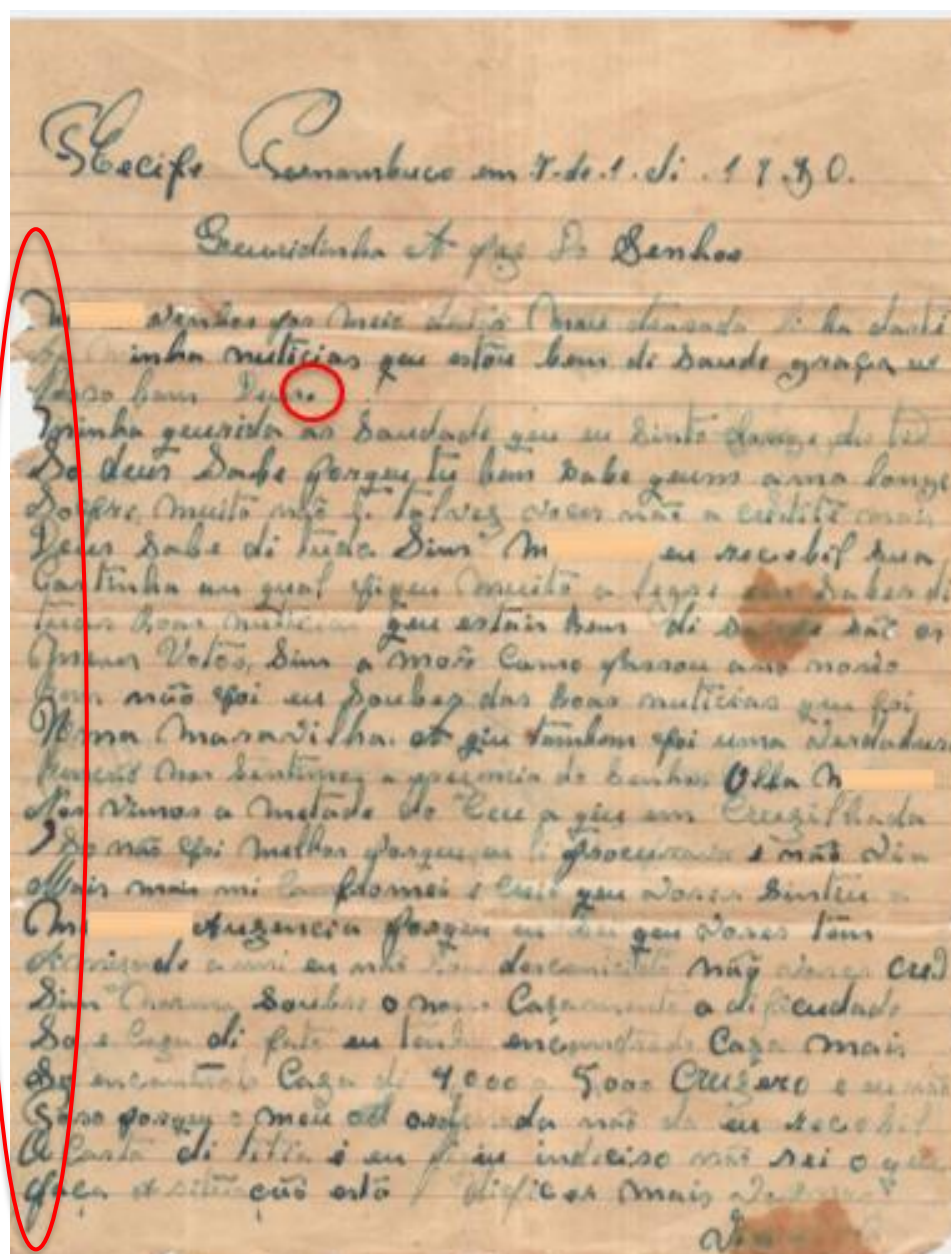
A partir da análise da imagem 3, é possível observar que a missivista N, em um grande número de suas cartas, demonstra a ausência notável no uso dos sinais gráficos. No entanto, mesmo com essa ausência, há uma exceção importante que merece destaque. Em algumas ocasiões, N utiliza o ponto final, conforme sinalizado na imagem. Esse uso do ponto final é significativo, pois demonstra que a missivista aplica um princípio básico da pontuação. Além disso, quando N emprega o ponto final, observa-se que a utilização de maiúsculas no início da próxima frase está presente, o que indica uma tentativa de seguir a norma gramatical básica de iniciar novas frases com letras maiúsculas.

Essa observação sugere que, apesar de não utilizar os sinais gráficos de forma consistente ao longo de suas cartas, N possui um certo entendimento sobre o uso do ponto final e a convenção de iniciar novas frases com letras maiúsculas. De modo que, mesmo que o uso

de pontuação seja esporádico e limitado, a missivista demonstra um conhecimento básico das regras de pontuação que, em parte, é aplicado corretamente quando o ponto final é usado.

Dito isso, identificamos que, embora a missivista não empregue os sinais gráficos de maneira sistemática, N demonstra ter alguma familiaridade com as convenções de pontuação. Acreditamos que isso sugere uma compreensão implícita das normas gramaticais, mesmo que a aplicação prática dessas regras não seja uniforme em todas as cartas.

Imagem 4: A dimensão da pontuação na carta de Z (o noivo)



Fonte: Carta 18, Z-N, 1950

Em consonância com o que observamos em relação a N, o missivista Z também utiliza o ponto final de maneira esporádica em suas cartas. Esse uso pontual do ponto final demonstra uma prática semelhante entre os missivistas no que diz respeito à aplicação desse sinal gráfico específico.

Além disso, um aspecto que merece ser destacado na escrita de Z é que, ao iniciar novas linhas, o missivista começa com letra maiúscula. Isso sugere que Z considera a mudança de linha como uma forma de finalização, tratando como um marcador de conclusão de uma ideia ou da frase, similar ao uso do ponto final. Acreditamos que essa dinâmica na sua escrita indica que, mesmo que o uso do ponto final seja esporádico, Z possui uma noção de como marcar o término de frases ou ideias, aplicando a convenção de iniciar novas linhas com maiúsculas como uma forma de pontuação. Assim, a prática de iniciar novas linhas com letra maiúscula pode ser vista como uma adaptação às regras de pontuação, em que a mudança de linha serve como um substituto para a pontuação tradicional.

Portanto, tanto N quanto Z compartilham uma semelhança na aplicação ocasional de sinais gráficos, em especial o ponto final, enquanto Z também incorpora a mudança de linha como uma marca de pontuação, começando novas linhas com letras maiúsculas.

4.3 Habilidade motora

Para a dimensão da habilidade motora no contexto da escrita, levamos em consideração em nossa análise, a capacidade do escrevente de manipular e diferenciar o tamanho das letras e o traçado (ou *ductus*) de acordo com a pauta do papel, assim como colocado por Cambraia (2005).

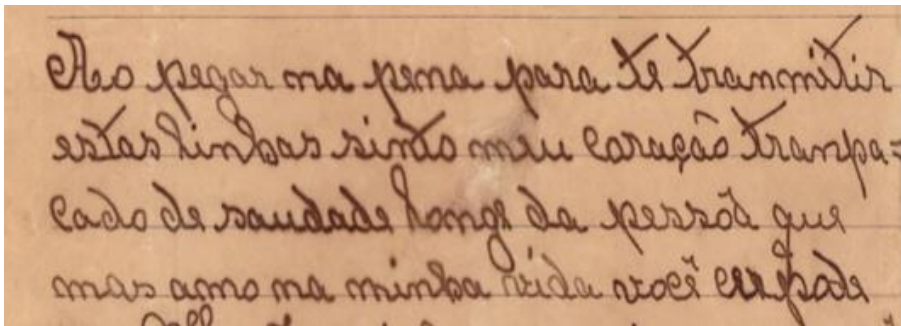
No caso das cartas amorosas da missivista N (a noiva), como exemplificado na carta 11 (quadro 10), observamos como o módulo está presente nas cartas, ou seja, o tamanho geral das letras e sua conformidade com a pauta do papel, que nas cartas da missivista N (a noiva) é caracterizado por um módulo predominantemente de médio porte, sendo considerado adequado ao espaço disponível no papel, o que contribui para a organização visual do texto.

Além do tamanho, o traçado das letras é um aspecto relevante. A escrita de N exibe um estilo cursivo, com uma inclinação leve para a esquerda. Essa inclinação é uma característica do traçado que pode apresentar uma habilidade motora na execução da escrita. A missivista também apresenta na sua escrita uma regularidade na paginação, ou seja, a consistência na

maneira como o texto é distribuído nas páginas e um traçado seguro. Com relação à diferenciação entre letras maiúsculas e minúsculas, N demonstra um entendimento claro das convenções ortográficas. Embora haja algumas exceções, a missivista consegue distinguir de maneira adequada as letras maiúsculas.

Dessa forma, a habilidade motora da missivista N é evidenciada pelo uso consistente e adequado do tamanho das letras e do traçado, bem como pela capacidade de manter uma regularidade na paginação. A sua habilidade em diferenciar letras maiúsculas e minúsculas, apesar de algumas exceções, demonstra um domínio significativo das técnicas de escrita e um bom controle motor.

Quadro 10 – A habilidade motora nas cartas de N (a noiva)

Fenômeno	Missivista
Habilidade motora	N (a noiva)
 (carta 11, N-Z, 17/02/1950)	

Fonte: elaborado pelo autor

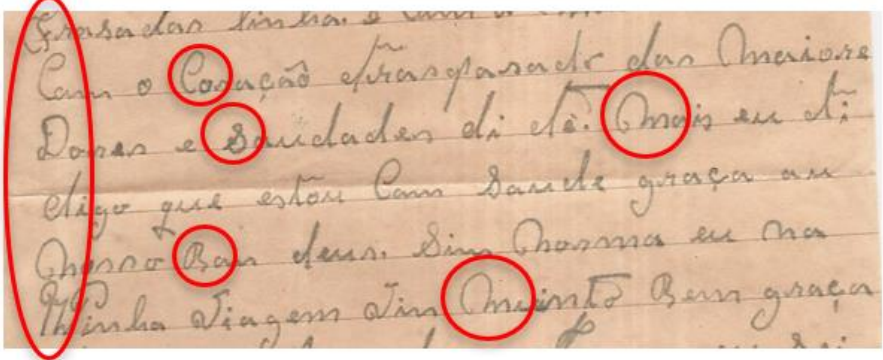
O mesmo padrão de habilidade motora não é observado nas cartas de Z (o noivo), conforme o quadro 11. Ao contrário das cartas de N, as cartas de Z exibem características diferentes em termos de traçado e uso das letras. O traçado nas cartas de Z é ligeiramente inclinado para a direita, o que contrasta com a inclinação para a esquerda observada nas cartas de N. Além disso, o módulo das letras nas cartas de Z é menor, indicando uma diferença no tamanho geral das letras.

Embora Z respeite a paginação do papel, mantendo uma certa regularidade na disposição do texto nas páginas, a diferenciação entre letras maiúsculas e minúsculas não é observada de

forma adequada. Especificamente, nas cartas de Z, palavras na margem esquerda do documento frequentemente começam com letras maiúsculas, independentemente da posição na frase ou do início de um novo parágrafo, como mencionado anteriormente. Essa prática sugere uma falta de atenção ou compreensão das convenções ortográficas relacionadas ao uso das maiúsculas. Além disso, a não distinção entre letras maiúsculas e minúsculas dentro das frases é um ponto notável. Isso significa que Z utiliza letras maiúsculas e minúsculas de maneira intercambiável, sem seguir as normas gramaticais que determinam quando e onde cada tipo de letra deve ser usada.

Acreditamos que essa não adesão às normas de uso de maiúsculas e minúsculas se deva a um nível mais baixo de familiaridade com as regras ortográficas padrão. A falta de distinção pode refletir um conhecimento limitado das normas cultas da escrita. De modo que, enquanto Z demonstra um respeito pela paginação e mantém um traçado cursivo seguro com inclinação para a direita, a falta de distinção adequada entre letras maiúsculas e minúsculas aponta para uma compreensão parcial das convenções ortográficas, possivelmente devido ao baixo nível de conhecimento da norma de prestígio.

Quadro 11 - A habilidade motora nas cartas de Z (o noivo)

Fenômeno	Missivista
Habilidade motora	Z (o noivo)
 (carta 14, Z-N, 04/07/1949)	

Fonte: elaborado pelo autor

As alterações realizadas por rasura, conforme quadro 12, pode fornecer-nos indicações importantes sobre a habilidade do escrevente e sua confiança na escrita. A presença e a

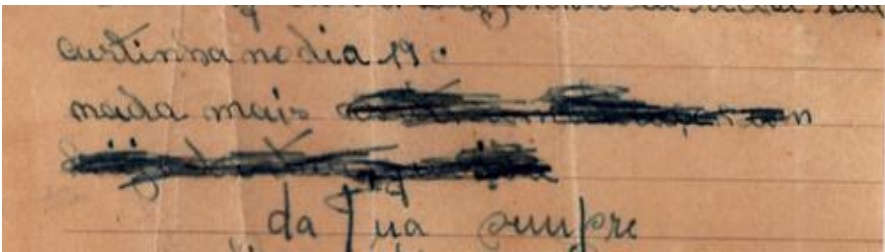
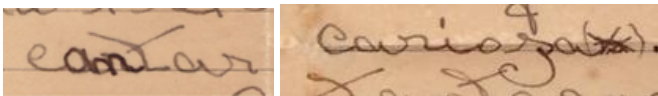
dimensão das rasuras podem refletir a familiaridade do autor com as normas ortográficas e sua capacidade de expressar suas ideias de forma precisa. As rasuras podem ocorrer devido a uma variedade de fatores, incluindo falta de prática na escrita, inseguranças quanto à ortografia, ou uma tentativa de corrigir erros percebidos durante o processo de escrita.

No quadro 12, observamos exemplos específicos da missivista N (a noiva), que utiliza a rasura em suas cartas. Um exemplo é a rasura de uma frase completa, o que indica uma tentativa, possivelmente, de corrigir um erro ou realizar algum ajuste.

Além disso, são apresentadas no mesmo quadro duas outras rasuras específicas: a palavra “cantar”, na qual a letra “n” foi rasurada, e a palavra “carioza” (carinhosa), com a última letra da palavra rasurada. Essas rasuras menores indicam ajustes pontuais na ortografia das palavras. A rasura da letra “n” em “cantar” pode refletir uma incerteza sobre a ortografia correta ou uma tentativa de corrigir um desvio. Da mesma forma, a rasura da última letra de “carioza” sugere uma tentativa de corrigir ou modificar a palavra.

De maneira geral, embora haja evidências de rasura nas cartas de N, a quantidade total de rasuras não é significativa, apesar de algumas incertezas e correções pontuais realizadas pela missivista.

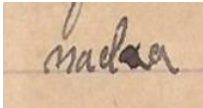
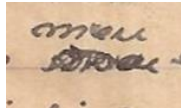
Quadro 12 - Rasura nas cartas de N (a noiva)

Fenômeno	Missivista
Rasura	N (a noiva)
 (carta 4, N-Z, 02/08/1949)	
 (carta 12, N-Z, 13/03/1950)	

Fonte: elaborado pelo autor

Nas cartas de Z (o noivo), também são observamos poucas rasuras. No entanto, quando as rasuras ocorrem, como evidenciado no quadro 13, elas são realizadas com o objetivo de corrigir palavras específicas. Exemplos dessas correções incluem as palavras “Estou”, “fazendo”, “nada” e “meu”. A presença dessas rasuras indica que há momentos em que o escrevente precisa ajustar ou corrigir a ortografia das palavras escritas por ele.

Quadro 13 - Rasura nas cartas de Z (o noivo)

Fenômeno	Missivista	Realização
Rasura	Z (o noivo)	  (carta 3, Z-N, 11/06/1949)   (carta 5, Z-N, 27/07/1949)

Fonte: elaborado pelo autor

Sobre a habilidade motora, de acordo com Marquilhas (2000), os manuscritos produzidos por mãos inábeis podem, surpreendentemente, apresentar uma boa aparência física, como demonstrado nesta seção. Esse fenômeno sugere que a qualidade visual do texto, incluindo a clareza e a legibilidade da escrita, não é necessariamente um indicativo definitivo da competência ou habilidade do escrevente. Ou seja, um manuscrito pode parecer bem elaborado em termos de sua apresentação física, mas isso não implica automaticamente que o escrevente possua um conhecimento completo ou uma execução hábil da escrita.

Portanto, para uma avaliação mais abrangente da capacidade dos escreventes, é essencial considerar critérios adicionais além dos aspectos físicos do texto. Critérios que fornecem uma visão mais ampla sobre as habilidades e a capacidade de execução dos escreventes, indo além da aparência dos documentos para oferecer uma compreensão mais profunda sobre a dimensão da habilidade dos escreventes.

4.4 Segmentação gráfica

A segmentação no contexto da escrita refere-se à maneira como as palavras são separadas ou divididas no texto. Em um sentido mais amplo, segmentação pode envolver a forma como

os vocábulos são organizados, especialmente quando as separações entre eles não seguem as convenções ortográficas padrão.

Nas cartas de N (a noiva), observamos um fenômeno de segmentação que se caracteriza pela hipersegmentação. A hipersegmentação é quando as palavras são separadas por espaçamentos excessivos que não correspondem às normas ortográficas convencionais. Esse tipo de segmentação cria uma aparência fragmentada da palavra. Um exemplo desse fenômeno é encontrado na expressão "a legre", no quadro 14, em que a palavra "alegre" é hipersegmentada, ou seja, partida, escrita de maneira não convencional. Nesse caso, o espaçamento excessivo entre as letras cria uma quebra na palavra, realizando uma separação irregular.

Quadro 14 - Processo de segmentação nas cartas de N (a noiva)

Fenômeno	Missivista	Realização
Segmentação	N (a noiva)	 (carta 16, N-Z, 18/07/1950)

Fonte: elaborado pelo autor

Nas cartas escritas por Z (o noivo), observamos uma quantidade significativa de palavras hipersegmentadas, o que indica um padrão de separação das palavras que não segue as convenções ortográficas padrão. Exemplos dessa hipersegmentação são as palavras “a sim” em vez de “assim”, “es tou” em vez de “estou”, e “s ei j a” em vez de “seja”.

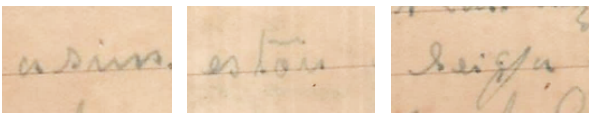
Santiago (2012) discute que o processo de segmentação, particularmente a hipersegmentação, pode ser um indicativo de que o escrevente possua um domínio limitado sobre as convenções ortográficas e as práticas de escrita. Em outras palavras, a tendência de segmentar palavras de forma não convencional pode refletir uma falta de familiaridade com as normas padrão da escrita e com a maneira adequada de formar e conectar as palavras.

Já Marquilhas (2000) sugere que a hipersegmentação pode estar associada a um estilo de escrita que é executado de forma lenta e meticulosa, quase como se o escrevente estivesse soletrando cada palavra. Essa abordagem lenta e cuidadosa pode ser uma tentativa de assegurar a precisão, mas, paradoxalmente, resulta em uma apresentação irregular. A autora argumenta

que essa irregularidade, manifestada pela hipersegmentação, é frequentemente uma das primeiras indicações de que o escrevente pode ter uma habilidade motora limitada ou um conhecimento insuficiente das normas ortográficas.

Portanto, a quantidade significativa de palavras hipersegmentadas nas cartas de Z sugere não apenas uma dificuldade com as convenções ortográficas, mas também um possível reflexo de um processo de escrita mais lento e cuidadoso. Essa manifestação ortográfica pode ser indicativo de uma prática de escrita que ainda está em desenvolvimento, com a hipersegmentação servindo como um sinal de inabilidade.

Quadro 15 - Processo de segmentação nas cartas de Z (o noivo)

Fenômeno	Missivista	Realização
Segmentação	Z (o noivo)	 (carta 16, Z-N, 30/07/1950)
		 (carta 08, Z-N, 30/07/1949)
		 (carta 9, Z-N, 28/02/1950)

Fonte: elaborado pelo autor

Apesar do jovem casal de missivistas N (a noiva) e Z (o noivo) não apresentarem dificuldades significativas sobre a habilidade motora, com um adequado controle das margens, com um traçado seguro e uma regularidade na paginação — esta seção revela que ambos estão situados em uma dimensão de inabilidade parcial, que, conforme aponta Santiago (2019, p. 42), está relacionada à:

menor presença, nos textos, de propriedades na dimensão da escriptualidade, em coocorrência à escrita fonética e a outras dimensões, como a da pontuação, da repetição e/ou da segmentação gráfica. Os aspectos referentes a pouca habilidade caligráfica podem ou não estar presentes, não é uma condição determinante.

Embora tanto N quanto Z demonstrem um controle geral adequado na execução da escrita, na parte motora, suas mãos revelam aspectos de inabilidade, principalmente sobre a dimensão de escriptualidade, sobre a pontuação e a segmentação. Ambos os missivistas apresentam, portanto, características que sugerem um afastamento das convenções gráficas

convencionais, tanto N quanto Z demonstram uma incidência significativa de não aderência ao sistema de escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta dissertação, propomos, em parte, investigar os elementos externos e internos que constituem as cartas de amor do jovem casal pernambucano N e Z. Para tanto, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos com a apresentação da fundamentação teórica e da metodologia a partir da Linguística Histórica, com o Modelo de Tradição Discursiva junto ao aparato da História Social da Cultura Escrita, elencando a organização, a composição, o processo de edição do *corpus* e a construção do perfil dos interlocutores N e Z. Em seguida, discutimos sobre a formação da teoria epistolar, tomando por base a origem e a caracterização do gênero-mãe carta pessoal, tratando dos diferentes subgêneros: carta de amor, carta de família e carta de amigo com o banco de dados do LEDOC. Logo após, investigamos as cartas trocadas por N e Z, analisando a macro e a microestrutura.

Diante do que foi exposto durante esta dissertação, observamos que a cada vez mais a escrita se faz presente para uma comunicação privada, íntima, centrando-se em um sistema grafológico. De modo que, a escrita supera as limitações geográficas, permitindo que seus interlocutores supram barreiras espaciais. Ou seja, com a difusão da escrita e, conseqüentemente, a interação por meio de textos escritos como uma prática social do cotidiano, as sociedades passam por uma transformação, na “maneira como as pessoas viam o mundo, mudou sua visão de mundo, mudou sua atitude rumo a uma consciência da língua e, em diversos aspectos, mudou a organização da sociedade” (Coulmas, 2014, p. 41). Dessa forma, com a realização da presente pesquisa, foi possível a ampliação e a análise de um acervo documental de cartas pessoais escritas da primeira metade do século XX, investigando, neste primeiro momento, a construção do gênero carta pessoal mediante o modelo de TD.

Sob a lente da HSCE é possível vislumbrar, ainda que por um recorte espaço-temporal com as cartas de N e Z, que a cultura escrita desempenha um papel importante na preservação da memória cultural, social e linguística, além do entendimento da construção de uma identidade linguística, contribuindo para a compreensão de um passado linguístico e sociocultural.

Esta dissertação ainda revela que a troca de correspondências entre N e Z não é apenas um meio de manter o contato entre os interlocutores, mas também um meio para

compartilharem o amor sentido, um espaço de representação do discurso amoroso, a partir de cada carta recebida e enviada.

Sobre a tradição epistolar nas cartas de N e Z é possível identificarmos que a escrita das cartas de amor do casal pernambucano torna-se uma forma única de transmitir o amor sentido ao transpassar as barreiras linguísticas, buscando transmitir as emoções sentidas entre o jovem casal. Como poeticamente escrito por Fernando Pessoa (1944, p 84): “Todas as cartas de amor são ridículas / Não seriam cartas de amor, se não fossem ridículas”. Dessa forma, as cartas de amor expressam ridiculamente o sentimento sentido, não são apenas trocas de palavras, mas uma manifestação que revela uma comunicação de cunho íntimo e significativo do amor entre N e Z.

Sobre a dimensão de inabilidade, foi possível percebermos que apesar das habilidades motoras e a organização estrutural das cartas com a tradição epistolar, N e Z apresentam traços de inabilidade parcial. Suas mãos refletem a falta de aderência a determinadas normas gráficas estabelecidas e uma tendência, para a hipersegmentação e o uso não convencional da pontuação.

Ainda sobre a inabilidade, mas relacionado aos elementos estruturais, identificamos que o jovem casal acompanha a tradição de escrita de cartas. Acreditamos que o grau de inabilidade poderá influenciar na composição estrutural das cartas, entretanto, não é o caso aqui analisado, tendo em vista que os missivistas seguem a tradição. Os questionamentos que ficarão para trabalhos futuros são: uma mão com um grau de inabilidade mais acentuada acompanhará a tradição epistolar assim como N e Z? Podemos apontar que a tradição textual também poderá ser associada como um traço caracterizador de inabilidade?

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, S. B. “As mal traçadas linhas” do jovem casal pernambucano N. e Z. como fonte para a historicidade da língua e do subgênero carta de amor (1949-1950). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021.

ARAÚJO, J. **Constelação de gêneros**: a construção de um conceito. 1 ed. – São Paulo: Parábola, 2021.

AZEVEDO, N. D. de; FERREIRA JÚNIOR, J. T. Historicidade das cartas de amor: circulação de manuais epistolares portugueses no Brasil do século XIX. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 628–653, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i3.1750. Disponível em: <[Historicidade das cartas de amor: circulação de manuais epistolares portugueses no Brasil do século XIX | Revista da ABRALIN](#)> Acesso em: 09 de agosto de 2024.

BARBOSA, A. G. O controle de marcas de inabilidade na escrita alfabética e a identificação das mãos inábeis em *corpora* histórico-diacrônicos. **Revista da ABRALIN**, v.16, n.2, p. 19-43, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017.

BARROS, C. A importância das tradições discursivas para a análise da evolução de conectores no português medieval. Johannes KABATEK (Ed.). **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico**: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana — Serie Lingüística Iberoamericana 31. 2008

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Les unités: langue écrite, langue orale. In: PONTECORVO, Clotilde & BLANCHE-BENVENISTE, Claire (ed.). **Proceedings of the workshop on Orality versus Literacy**: concepts, methods and data – Siena, Italy, 24-26 September 1992. Estrasburgo: Science European Foundation, 1993

BORGES, M. de L. A. **Amor**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

BORGES, M. L. V. Cartas Ad. Familiares VII, 1 – 4: Cícero a Marco Mário Introdução, tradução e notas. **RÓNAI**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios – 2015 V.3 N.1 pp. 76-89 – UFJF – JUIZ DE FORA.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, Thomas Albert (Ed.). **Style in Language**. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, 1960. p. 253-276. Disponível em: <https://www.ehu.eus/seg/media/gizt/5/5/brown-gilman-pronouns.pdf>. Acesso em 09 de agosto de 2024.

CALLOU, D.M.I.; BARBOSA, A.G. (orgs.). **A norma brasileira em construção**: Cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTILHO, A. T. de. Apresentação. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Coord.). **Corpus diacrônico do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

CASTILLO GÓMEZ, A.; SÁEZ, C. **Paleografia versus Alfabetização**. Reflexões sobre História Social da Cultura Escrita. LaborHistórico, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 164-187, 2016.

CASTILHO GÓMEZ, A. **Grafias no cotidiano**: escrita e sociedade na história (séculos XVI a XX). Rio de Janeiro: Eduerj; Niterói: Eduff, 2020.

CONCEIÇÃO, A. A. da. Aqui se Abre hum Largo Theatro ao Engenho do Secretario Principiante”: a escrita de cartas segundo Francisco José Freire (Portugal -Séc. XVII). **História Revista**, Goiânia, v. 15, n. 1, 2010. DOI: 10.5216/hr.v15i1.10817. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/10817>. Acesso em: 10 fev. 2024.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança lingüística. Trad. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/ USP, 1979.

_____. **Lições de linguística geral**. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.

_____. **O homem e a sua linguagem**: estudos de teoria e metodologia lingüística. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/edusp, 1982b.

COSTA, Alessandra Castilho da. Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte**: análise lingüística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade-1924 a 1944. Edufrn, 2012.

COSTA, A. F. C. da; SIMÕES, J. da S. Transposição da oralidade à escrituralidade na tradução: edição crítica da Textlinguistik de Eugenio Coseriu em português. Pandaemonium Germanicum (Online), v. 18, p. 158-187, 2015. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pg/a/nMSHkydSWycBTZyCGNXBfBn/?lang=pt>> Acesso em 09/ de agosto de 2024.

COULMAS, F. **Escrita e sociedade**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FISHER, Steven R. **História da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GASTAUD, C; COSTA, B. C. Apontamentos sobre cultura escrita e práticas epistolares. **CEM**, 2017, p. 13-23. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4657>> Acesso em 09 de agosto de 2024.

GOMES, V. S. . História do editorial jornalístico em Pernambuco: o que mudou e o que permaneceu no curso desta tradição discursiva?. In: Marlos de Barros Pessoa. (Org.). **Língua, textos e história**. 1ed.Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005, v. , p. 87-107.

_____. **Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos**: da forma ao sentido (Tese de Doutorado), 2007.

_____. “Esta humilde e fraca pena” registra a tradição das cartas de amor do casal N e Z (1949). **LaborHistórico**, 2019, p. 104-129. Disponível em:

<<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/25536/15882>>. Acesso em 09 de agosto de 2024.

GOMES, V. S.; ATAÍDE, C. A. Os modos de dizer das cartas de amor do Litoral e do Sertão. (no prelo).

HARARI, Y. N. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KABATEK, Johannes. Cómo investigar las tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: JACOB, Daniel; KABATEK, Johannes. (Ed.) **Lengua medieval y tradiciones discursivas em la Península Ibérica**. Frankfurt am Main: Vervuert/Madrid: iberoamericana, 2004. p. 97-132.

_____. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, Tânia Conceição Freire; RIBEIRO, Ilza Maria de Oliveira; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novaes; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: Edufba, 2006.

_____. Tradições discursivas e mudança linguística. Alemanha, set. 2007.

_____. **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico**: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas, Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert-Iberoamericana 2008.

_____. Tradição discursiva e gênero. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (Orgs.) **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 579-588.

KEWITZ, V.; SIMÕES, J. da S. O *corpus* do Projeto Para a História do Português Brasileiro: a constituição de corpora históricos baseada em critérios de Tradições Discursivas. In: CASTILHO, A. T. de (Org.) **História do Português Brasileiro**, vol. 2: Corpus Diacrônico do Português Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019. p. 208-243.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas; TOPHINKE, Doris (Orgs.). **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Trad.: Profa. Dra. Alessandra Castilho da Costa (UFRN). Tübingen: Narr (ScriptOralia, 99), 43-79, 1997.

KOCH, P.; ÖESTERREICHER, W. Linguagem da imediatez–linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Tradução: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. **Revista Linha D'Água**, n. 26, p. 153-174, 2013. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/55677/60935>>. Acesso em: 09 de agosto de 2024.

LOPES, C. R. dos S. Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. In: **Alfa**. São Paulo 55(2), p. 361- 392, 2011.

LONGHIN, S. R. **Tradições discursivas: conceito, história e aquisição**. São Paulo: Cortez, 2014.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. UFPE - Recife, 2000.

MARQUILHAS, R. **A Faculdade das Letras: Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: IN-CM, (Filologia Portuguesa) 2000.

MARTÍNEZ, T. M. *et al.* (dir.). **Paleografía y Diplomática**. Vol. I. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1988.

MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944**. Natal: EDUFRN, 2012.

MATTOS E SILVA, R. V. Orientações atuais da Lingüística Histórica brasileira. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 15(3). Recuperado a partir de <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/40329>> 1999. Acesso em: 09 de agosto de 2024.

_____. **Caminhos da Linguística Histórica – ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

MELO, H A de. **Dimensões tradicionais nas cartas de casal pernambucanas do século XX: uma conexão entre o litoral e o sertão**. 2021. 111 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

OESTERREICHER, Wulf. Autonomización del Texto e Recontextualización. Dos problemas fundamentales en las ciencias del texto. In: RODRÍGUEZ, Eduardo Hopkins (Ed.) **Homenaje Luis Jaime Cisneros**. Lima, Pontificia Universidad Católica del peru, vol. I, 2002, pp. 343-387.

PESSOA, F. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1944, 84.

PESSOA, M. de B. Da carta a outros gêneros textuais. In: LAMOGILIA, Maria Eugênia & CALLOU, Dinah et. al. (Orgs.). **Para a história do Português brasileiro**. Notícias de corpora e outros estudos – vol. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2002, 197-205.

PETRUCCI, A. **Scrittura, alfabetismo ed educazione gráfica nella Roma del primo cinquecento: da um libretto di conti di Maddalena Pizzicarola in Trastevere**. *Scrittura e Civiltà*, n. 2, p.163- 207, 1978.

_____. **La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.

RAMOS, M. Teoria clássica e medieval da composição epistolar: entre epistolografia e retórica. **CEM: Cultura, Espaço & Memória**. Ed. 8, 2017.

SANTANA, N. M. O. **Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX**. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, 2019.

SANTIAGO, H. da S. **Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano**. 2v. 421 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

_____. **A escrita por “mãos inábeis”**: uma proposta de caracterização / Huda da Silva Santiago. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, 2019.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do falar e história da lingüística**. Campinas: EDUNICAMP, 1993.

SILVA, J. Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SILVA, A. G. da. **Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas do século XX**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2018.